

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º

Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

O SR. GENERAL CARMONA

reeleito para a Presidencia da Republica

prestou hoje compromisso de honra perante a Assembleia Nacional



O cortejo presidencial em frente do Palacio de S. Bento

Prestou hoje o seu solene compromisso de honra, perante a Assembleia Nacional, o sr. general Antonio Oscar Fragoso Carmona, reeleito presidente da Republica em 17 de fevereiro ultimo para ocupar por novo septenio a mais alta magistratura da Nação.

Não pôde o sr. general Carmona, por motivo de doença, tomar conta do seu elevado cargo na data marcada na Constituição—15 de abril. Volvidos alguns dias, durante os quais o sr. dr. Oliveira Salazar ocupou interinamente a presidencia da Republica, o venerando Chefe do Estado foi hoje ao Parlamento prestar o seu juramento. O tempo não favoreceu as cerimoniaes—como aconteceu ha três meses, na altura

em que o sr. Presidente da Republica foi a S. Bento inaugurar a Assembléa Nacional—mas nem por isso o dia foi menos solene, nem a data deixou de ficar assinalada com um acontecimento extraordinario na historia politica dos nossos dias.

De Belem a S. Bento

por entre alas de tropas

A fim de acompanhar o chefe do Estado ao Parlamento, o sr. dr. Oliveira Salazar, presidente do Conselho chegou a Belem pelas 10 e 30, encontrando-se já ali o sr. Presidente da Republica que chegara ás 9 e 30, vindo de Cascais.

Eram 10 e 25 quando os srs. general Carmona e dr. Oliveira Salazar, deixaram o palacio de Belem em carruagem fechada, precedida de uma outra com o pessoal da casa militar. A brigada de cavalaria constituia a escolta de honra.

De Belem ao Parlamento, o cortejo presidencial desfilou por entre alas de tropas que formavam pela ordem seguinte: Engenharia, Batalhão Automobilista, Caçadores 5, Infantaria 1, G. N. R., G. F. e Policia, Metralhadoras e Artilharia 3, na avenida da India; Sapadores de Caminhos de Ferro e Marinha, na avenida Presidente Wilson.

A' passagem do chefe do Estado as

tropas prestavam as honras da ordenança.

A chegada dos convidados

ao palacio de S. Bento

Começou cedo o movimento no Palacio da Assembleia Nacional, cuja fachada, ainda por acabar, se encontrava no entanto decorada com grandes peças de veludo vermelho e ornamentada com lindas plantas verdes. As imediações do palacio principiaram a chegar por volta das 9 horas as primeiras forças que deviam

(Ver continuação na pagina central)

A este numero do "Diário de Lisboa," corresponde um suplemento literario de oito páginas

PERDA RAPIDA DE OBESIDADE

Se tiver curiosidade de saber como ela conseguiu reduzir as medidas do busto, cintura e quadris, leia esta carta:

«Eu pezava mais de 84 quilos quando ha 3 mezes comecei a tomar o Kruschen. Agora pezo 73 e espero conseguir ainda uma redução maior. Antes de tomar os Sais Kruschen medi-me, com os seguintes resultados: Busto, 1,02; Cintura 0,95; Anca, 1,22. Tenho 29 anos de idade. Um frasco de Kruschen dura-me um mez. Tomo meia colher de chá num copo de agua quente antes do pequeno almoço. Além de ter conseguido diminuir de pezo, passei a sentir-me muito melhor de saúde. Já não me acontece acordar, fatigada, desapareceram as dores de cabeça que eram habituais. Não tenho palavras para exorir os meus agradecimentos a Kruschen.» Miss. M. A. H.

Kruschen contém devidamente proporcionados os 6 sais minerais que se encontram nas famosas águas de Spa, usadas por gerações de criaturas obesas desejosas de diminuir de pezo. Kruschen actua no sangue, nervos, glandulas e outros órgãos — produz novas forças e energias — tal-o-ha regressar a mocidade — terá melhor parecer, trabalhará melhor.

A venda em todas as Farmacias e casas da especialidade. Preço do frasco grande Esc. 17\$00 frasco pequeno Esc. 10\$00.

TAUROMAQUIA

O festival taurino e desportivo de domingo no Campo Pequeno

É o assunto do dia nos meios automobilista e taurino a apresentação de D. Luiz Aguado no Campo Pequeno, a lidar, de dentro de um automovel, um touro de três anos, quasi um «senhor touro». Mas, para rejeonar, é preciso quarterar, ou seja rodar o classico quarto de circulo para evitar o choque brutal da rez e tomar o terreno da saída, dando o bicho a saída natural logo que o vulto — ou seja o automovel — se lhe esquivar. Como consegue D. Luiz Aguado que uma peça grande e metálica, como é um automovel, por muito adaptado que seja, se mova como um flexível cavalo? Eis o segredo da virtuosidade automobilista do distinto desportista espanhol. Esse segredo desvendá-lo-á D. Luiz Aguado, no domingo, com assombro de automobilistas, com assombro de aficionados.

E, no mesmo dia, Lazaro Obon, cotadíssimo novillero; os cavaleiros Casimiro Junior e Castelo, rivais na colocação de ferros de palmo; Agostinho, o toureiro incansável e «camaradão» das arenas; um bom grupo de forcados e touros da raça brava a valer que Silva Vitorino cria e apura nas fôrças lezírias do Lavre.

Abriu já hoje a bilheteira de S. Domingos.

A grande «matinée» de Arte que amanhã se realiza no Capitolio

No elegante salão do Capitolio realiza-se amanhã, ás 15 horas, uma sensacional «matinée» de Arte em que tomam parte alguns dos nossos melhores artistas.

No progar, entre outros, destacam-se os nomes prestigiosos de D. Maria do Ceu Foz, distinta cantora; D. Maria Spranger, illustre recitadora; menina Maria Helena da Costa Sá, notável «virtuosa» de piano; D. Leonor de Eça e D. Dina Tereza, actrizes consagradas; Vasco Santana, o actor querido das plateias; Daniel Martins, engraçado imitador de artistas de teatro e de tipos populares, e uma parelha de baile classico e acrobatico que deve causar grande êxito.

Além da exhibição dum excelente filme musical, haverá baile para os espectadores. Serão também sorteados valiosos brindes de que participarão as senhoras e os cavalheiros.

Teatro Nacional

HOJE — A's 21 e 30 — HOJE

O assombroso êxito
com Estevão Amarante
na comedia

COMO SE FAZ
UM HOMEM

TEATROS E CINEMAS

«A Bola de Neve», no Trindade

Lisboa enche-se de revistas, exaltação de lirismo e pitoresco popular, que dá a esta mazomba e envelhecida cidade, um aspecto apoteótico de graça e de alegria. Os criadores do genero, já profissionalizados pela experiencia, devem vê-se em palpos de aranha para conseguir nesta afiliva escassez de assuntos e com as restrições implacáveis que lhes limitam estro e inspiração — fazer alguma coisa de interesse, de novidade, que empolgue ainda os nervos gastos ao publico.

Ontem, começou a rolar, no palco do Trindade, *A Bola de Neve*, espectáculo no geral brilhante, de boa interpretação, em tudo digno das honrosas tradições daquele teatro.

A revista, como quasi todas, é u na pintura viva e animada de Lisboa, evocando, numa roda de cantigas e de figuras, os seus melhores costumes e tradições. A fantasia alarga-se, não subindo muito alto, mas o bastante para criar um ambiente de graça e bom gosto, com algumas notas de singular flagrança e outras, cuja insistência o sentimento do espectador reclama, sem nunca se saciar.

A parte critica é mais moderada, e compreende-se porquê.

Os autores, porém, conseguiram dar-lhe um duplo sentido que agrada a gregos e a troianos e, decerto, mais ainda, á entidade visada, porque no fundo, representa uma homenagem discreta á sua acção. «A no quadro do Rossio, a flecha é directa e accorada, os que sobem e os que descem, no trvelinho da multidão. A construção do espectáculo revela uma segurança impecavel. Os quadros alternam-se: comedia, fantasia, bailado, numa magnifica sequencia e proporção. Os numeros não erram, surgem rapidos, dialogados e cantados quasi sempre com brilhantismo. Temos, porém, de abrir uma rubrica especial para os versos, lindos versos de ternura, de rimas fortes, expositivos e limpídis com a agua dos nascentes, que podiam, com honroso titulo, figurar numa antologia.

Matos Sequeira e Vasconcelos e Sá, nesse capitulo, não deixaram os seus creditos por mãos alheias. Encheram a sua revista de beleza e de espiritualidade, sem caírem no exagero literario.

O desempenho marcou pelo movimento e brilhantismo. Vê-se que o ensaiador exigiu dos interpretes o maximo de energia e de intelligencia. Moveu tudo, artistas e coreistas, dando-lhes um ritmo vertiginoso. Ha que destacar, em primeiro lugar, Beatriz Costa. É, de facto, uma extraor-

dinaria actriz, talvez no melhor momento da sua carreira. Migalha de vida frenetica, os seus nervos vibrantes, exaustivos, operam no publico um fenomeno de levitação. Não se mostra apenas, bonita, correcta, atraente. Não! Vê-se que estuda cada papel por dentro e por fora, irizando-os de intenções e de pormenores que, porventura, não têm. É uma artista de entusiasmo, que detalha como uma grande comediante, comandando e enchendo a cena de sucessivas vitórias de alegria.

O *Moço da Cozinha* é uma rabula cor de rosa, que a sua beleza e a sua graça revestem de capricho diabolico. A *Rapariga do Camarão*, uma nota de sentimento, que chega ao patetico, pelos processos mais simples de desempenho. Mas onde Beatriz Costa, caracteriza melhor, num registo total de expressões e de atitudes, é no *Sota*. A sua *Arrumadora* surge como um grande numero, electrizante que obriga a plateia, num imperativo risonho, a cantar e aplaudir sem fadiga.

Beatriz Belmar, vestida com distincção, nervosa, estilizada, brilhante, interpretou todos os seus numeros com comunicativa alegria. Maria Albertina tem na garganta um ninho de rouxinóis. A sua *Lisboa* é um poema que jámais esquece. Maria Erazão foi a dama brilhante. O seu primeiro papel foi dito com admiravel expressão. Tereza Gomes, característica de notaveis recursos, trabalhou dominando por completo a plateia. Vem, a seguir, um naipe de raparigas bonitas, Aida Uitz, Dina de Vilhena, Irene Velez, Judite Navarro, Julietta Valença e Maria Pint, que animaram o espectáculo de embrigadora galantaria.

Carlos Leal foi um *Bandarra* elegante, voluntariamente sobrio — e assim está bem! — que podemos considerar como um dos melhores apoios do espectáculo. Alvaro Pereira, no *Comilão* e no *Homem dos Sorrisos* marcou como bom actor que é. Armando Machado, simpático e bonacheirão. Ribeiro, com o seu feitiço excentrico, já não é uma utilidade, mas uma necessidade numa boa revista. Sales Ribeiro e José Moraes, ambos correctos.

Os bailados do casal *Buz* são duma arte cheia de audacias. A musica duma composição risonha e popular; tem numeros lindos de harmonia. Guarda-roupa de estilo, com manchas felizes. E, por ultimo, um elogio aos cenarios, nomeadamente, aos de Baltazar Rodrigues, que se está revelando um colorista intenso e um desenhador de boa escola moderna.

A. P.

«Uma noite de amor» e «Danubio Azul», dois filmes musicais, hoje, no Capitolio

Os apreciadores de boa musica têm hoje no Capitolio dois filmes adoraveis: «Uma noite de Amor», uma lindissima comedia com musica divinamente cantada por Grace Moore, voz do oiro que empresta a todos os trechos um encanto irresistivel, e «Danubio Azul», outra maravilha musical em que tomam parte o notavel «vedeta» Brigitte Helm e o grande cantor Schildkraut, com a prodigiosa colaboração da orquestra de zingaros, superiormente dirigida por Alfred Rode. Estes dois interessantes programas exhibem-se no salão e no terraço.

Nova companhia de variedades amanhã no Coliseu

É apenas amanhã e depois que se apresenta no Coliseu a nova companhia de variedades, de que fazem parte Kaluó, o estupefaciente ilusionista com os seus novos trucs, os acrobatas excentricos Los Oros, Rulito, o patinador desastrado e em que se estreiam: Baptista, ciclista em arame, Os Marnes, perchistas, criadores do «Turbilhão da Morte», Simeon e Quico, «clowns» parodistas musicais «A Loira Misteriosa», com a garraja magica e o barril diabolico e Gualdini, cantora de tangos. Domingo: «matinée». Preços accessiveis a todas as bolsas.

«Cabra-cega»

A avaliar pelas boas palavras de amizade e de estímulo que temos recebido, causou a melhor impressão no meio artistico — e sobretudo no meio teatral lisboeta — o facto, novo na imprensa da capital, de um redactor do «Diário de Lisboa», o nosso illustre camarad Artur Portela, ter ido propositadamente a Setubal para assistir á premiere da nova peça «Cabra-cega», de Carlos Amaro.

Pela nossa parte, cumprimos apenas o nosso dever de jornal que não põe a valia

dos acontecimentos na relatividade do meio em que eles occorrem.

Atrás do reposteiro

Conforme vai dito noutro lugar deste jornal, é amanhã que se efectua a estreia, no Maria Vitoria, da nova revista da companhia Maria das Neves, «Milho Rei», na qual faz já a sua estreia como actriz a artista Maria Casimiro.

Realiza-se amanhã o penultimo espectáculo da comédia do Variedades, «O Serra da Estrela», em recita de homenagem ao empresario Antonio de Macedo, que a oito meses tem a gerencia daquele teatro. acrescido o espectáculo com a colaboração dos principais artistas portugueses, Dorita del Monte, Villano-Velches, Mery-Palacios, todos os elementos dos teatros Variedades e Apolo, a revista «Do Bom e do Mal» e o a propósito «Rua da Palma».

Comecaram hoje, no Politeama, sob a direcção de Alves da Cunha, os ensaios da companhia que ali vai actuar em espectaculos de teatro e cinema, estreando com uma peça de grande successo, espanhola, tradução de Lourenço Rodrigues e Carvalho Mourão e de cujo elenco, além daquelle artista, fazem parte a illustre actriz Maria Matos e sua filha Maria Helena, que vai interpretar o principal personagem feminino.

Repete-se esta noite, no Variedades, a comédia «O Serra da Estrela», cuja carreira termina no proximo domingo, a fim de se proceder á montagem da revista «Peixe Espada», para estreia da companhia Eva Stachino.

—A preços populares, volta a representar-se esta noite, no Apolo, em duas sessões, a celebrada e discutida revista «Zé dos Pacatos».

—Dá hoje mais um espectáculo em Faro, com a peça «Meu amor é traíçoelro», a companhia Ilda Stachini-Alves da Costa. A companhia estreia-se, amanhã, em Messines, onde dará dois espectaculos com a «Cabra-cega» e «Meu amor é traíçoelro».

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ

TELEF. 1712

A VIUVA ALEGRE

Realização de Lubitsch, musica de Franz Lehar, com Chevalier, Jeanette MacDonald, Danielle Parola, etc.

A's 21 e 30

CONDES

T. L. F. 2 25 23

O Rei dos Campos Elísios

farsa musical, com o impagavel comico Buster Keaton (Pamplinas).

A's 21 e 30

ODEON

Telef. 2 6 83

O Mundo em Marcha

A's 21 e 15

PALACIO

com Madeleine Carroll, Franchet Tone, Reginald Benny, Raul Roulien e Harry Norton.

A's 21 e 30

Telef. 4 7163

POLITEAMA

EM MA COMPANHIA com Sylvia Sidney e Fredric March

A's 21 e 30

Telef. 2 6305

O Tingo na Broadway com Carlos Gardel

PARIS

Telef. 2 8777

Solrée ás 9 h

Lição de amor

CAPITOLIO

Uma noite de amor

Bilhetes a 1\$60

Danubio Azul

JERRASSE Raio de Sol

As 21 e 15

Telef. 2 0917

O Vaticano

LYS

Telef. 4 8560

VIVA VILLA!

As 21 e 15

com Wallace Beery

JARDIM

O Abade Constantino

CINEMA

as 20 e 45

RUTHER—Restitue aos cabelos a coloração primitiva, porque lhe fornece o pigmento que dá a cor ao cabelo. A venda na Drogaria de J. da Silva Pires, L.ª, Rua 1.ª de Dezembro, 125, 130.

TRINDADE

HOJE — 2.ª noite

A monumental revista nova de Lisboa

BÓLA DE NEVE

com

BEATRIZ COSTA

em 6 grandes numeros

CARLOS LEAL no «Compér»

GIMNASIO

Emp. Erco Bray

Telefone 2 88

Hoje não ha espectáculo

para realização dum concerto do

Circulo de Cultura Musical

amanhã — Sabado, 27 — segue a gloriosa carreira

DEUS LHE PAGUE

Depois de amanhã Dom ngo, 28

Grande «Matinée» as 15.30

A PREÇOS POPULARÍSSIMOS
mais baratos do que no cinema
se representa agora, no

APOLO

a celebre e consagrada revista

Zé dos Pacatos

com

DORITA DEL MONTE

VARIEDADES

Para rir a valer, até rebentar

Uma comedia assombrosa de graça

O Serra da Estrela

e dentro dela, o comico-co ossu

Nascimento Fernandes

Todas as noites — A's 21 e 23 horas

Amanhã: Recita de homenagem a Antonio de Macedo.



Em todas as boas
mesas não deve
faltar
SAVORA
a rainha das mos-
tardas.

A Cidade

Barbosa & Costa L.^{da}

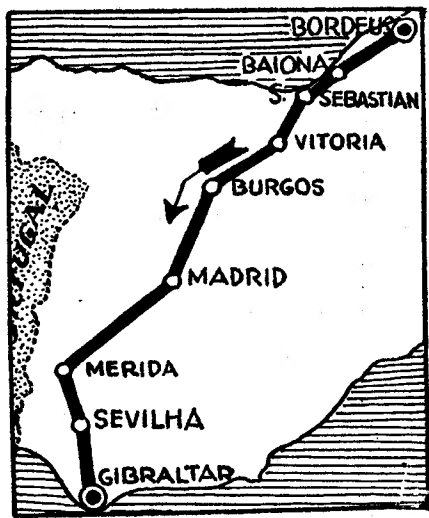
Apresenta sedas modernas e
damascos do mais requintado bom
gosto a preços sem compe-
tência.

Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 11
Telefone 2 3562

O "RALLYE," DE MARROCOS

Os portugueses 'controlaram' em segundo lugar na sua chegada a Gibraltar

Terminou o percurso europeu, seguindo-se as jornadas de Marrocos



Itinerário da «étape» Bordeus-Gibraltar

Com a chegada a Gibraltar, terminou hoje o percurso europeu do «Rallye» de Marrocos. Os concorrentes partiram ontem de madrugada de Bordeus, rodaram pelas estradas espanholas durante um dia inteiro e uma noite, numa corrida de 1.455 quilómetros; e às 10 e 45 de hoje, depois de atravessarem a fronteira de La Línea, começaram a chegar ao «control» de Gibraltar.

Chegados a Gibraltar, onde os carros se consideram já em parque fechado, atravessaram hoje mesmo o estreito para Tanger, onde amanhã se realiza a primeira prova complementar do «Rallye»: uma corrida de rampa.

De Bordeus a Gibraltar

GIBRALTAR, 26.—Manhã cedo, às 6 e 39, largámos, ontem, de Bordeus, a caminho de Gibraltar, termo do percurso europeu Roma-Gibraltar, num total de 3.777 quilómetros. Conosco partiu o grupo completo dos concorrentes europeus mesmo aqueles, portanto, que não haviam escolhido para início desta formidável prova de grande turismo, a cidade de Roma. Passámos a fronteira francesa, sem incidentes a assinalar, internando-nos em Espanha, em direcção a Madrid, passando por S. Sebastian, Vitoria e Burgos. Chegámos a esta última localidade, às 13 horas e 20, com uma média horária de 74.

Esta última tirada europeia foi realizada em grande velocidade, a fim de se chegar a Gibraltar dentro do prazo estabelecido.

Por via disso, em Burgos informaram-nos haver desistências e várias penalizações.

Em quasi toda a travessia espanhola seguimos à cabeça de todo o grupo, favorecidos pelo facto de Lopes da Silva conhecer muito bem as estradas.

O comportamento da «équipe» portuguesa, nesta parte do percurso, causou espanto entre os demais concorrentes, devido à circunstância do nosso carro suportar perfeitamente e com êxito a competição com automóveis de maior cilindrada, isto é, de maior força.

O «Rallye» de Marrocos obriga tanto

os carros como os seus condutores a fornecerem um grande esforço. É este o seu maior mérito: pôr à prova as condições dos carros, e dar a medida das possibilidades físicas e de energia dos seus condutores. Ora, o nosso «Steyr» tem-se portado de maneira espantosa, pela regularidade e outras provas que tem dado, excedendo todas as expectativas. Ainda não houve sequer necessidade de mexer na ferramenta, e isto prova eloquentemente o que afirmámos.

Por outro lado, a «équipe» portuguesa tem-se portado admiravelmente — resistindo a todas as fadigas. Lopes da Silva e Torres Fernandes constituem um «duo» que se entende maravilhosamente, alternando ao volante, e, quer um, quer outro, conduzindo com grande segurança.

Tanto um como outro dos «volantes» portugueses, resistindo a toda a casta de canseiras, proporcionou à «équipe» nacional fazer todo o percurso sem descanso. Isto aumentou-nos as possibilidades de êxito.

Outros concorrentes, sucumbidos ao cansaço, paravam o carro e dormiam dentro dele, em plena estrada.

Realizámos esta tirada, com tempo optimo, aproveitando ao maximo o bom resultado das estradas. Numerosos concorrentes perderam-se durante a noite, e, outros ainda, colhidos por «pannes» graves, atrasaram-se muito.

A «équipe» portuguesa em segundo lugar, em Gibraltar, o que é altamente honroso. Todos os concorrentes procuram fazer em velocidade o trajecto Bordeus-Gibraltar, e, deste modo, Mérida e Sevilha foram galgadas velocemente.

Confirma-se a notícia de haver várias desistências e muitas penalizações.

Os portugueses terminaram o percurso europeu, com excelente disposição, apesar das tiradas duras e longas, e o nosso ultimo percurso pode classificar-se, sem favor, de admirável, pela regularidade e pericia demonstradas.

Estamos muito animados, e esperamos cotar-nos bem na continuação do «Rallye» e nas provas complementares.

Trocámos impressões com alguns concorrentes estrangeiros. Mostram-se encantados com a prova. Mas consideram-na muito dura, possivelmente, o «Rallye» internacional mais difícil de quantos se realizam. E entre esses concorrentes encontram-se os melhores da especialidade!

NORBERTO LOPES

O «Steyr» cobriu já quasi 4.000 quilómetros, sem que os pneus «General», que ele usa, tivessem o mais ligeiro «furo». O oleo «Sunoco» tem provado excelentemente. As velas «Champion» ainda não foram mudadas desde Lisboa, o que prova a sua optima qualidade.

OLIMPIA CLUB

HOJE — Grandioso sucesso pelos exímios bailarinos

MERY PALACIOS

A REVISTA «MILHO REI»

Mirita Casimiro fala ao «Diário de Lisboa»

e diz das suas impressões acôrca da sua reaparição

NO MARIA VITORIA

Uma vez mais, o jornalista, ao mesmo tempo que regista um novo acontecimento teatral, anunciando para amanhã, à noite, a estreia, no Maria Vitoria, de uma revista popular, *Milho-Rei*, original de dois novos autores e dois novos escritores, respectivamente, Rodrigo de Melo e Manuel Caiola, e Fernando Guimarães e Rafael Medina, tem ainda ensejo de publicar no *Diário de Lisboa* uma entrevista a propósito, uma entrevista que se impunha. É que em *Milho-Rei*, que a companhia Maria das Neves vai representar e que o empresário Lopo Lauer apresentará com a sua habitual competência e reconhecido mérito de homem de teatro, uma nova actriz vai surgir na cena portuguesa — Mirita Casimiro — que, recentemente, ainda, deu as suas primeiras provas naquele palco como artista da mais bela e da mais acentuada vocação para o teatro.

— Então, Mirita, decididamente, no teatro?...

— É verdade. Outra tentativa e outra prova bem dura, bem espinhosa. Veremos o que diz o publico e, sobretudo, qual vai ser a sentença da critica a meu respeito. Evidentemente, que todos saberão compreender que não é assim, em tão pouco tempo de teatro, que se adquire aquela confiança, aquela serenidade e, sobretudo, aquela competência que pode exigir-se de um artista já feito. Mas, se Deus quizer ajudar-me e o publico me não faltar, com o seu carinho e a sua benevolencia, espero que tudo resul-

tará em bem para o êxito que eu auguro à revista *Milho-Rei*.

— Mas, que me diz da revista?

— Eu sei lá o que isso é!... Sei apenas que tudo tem dado um trabalho imenso e que toda a gente tem andado, aqui, numa verdadeira roda-viva, de dia e de noite, até altas horas. Maria das Neves, essa, não tem tido um minuto de descanso, porque, além do trabalho que vai realizar no *Milho-Rei*, papéis brilhantes para a sua categoria de grande actriz, ela dirige tudo, preside a tudo, para que o espectáculo resulte à altura das tradições do Maria Vitoria. Por seu lado, Lopo Lauer, o meu empresário, dedicado e amigo, que me meteu nestas andanças com a cumplicidade do sr. meu Pai, é, na verdade, um homem que tem a ansia de vencer e de triunfar, desde que o publico saiba ajudá-lo e encorajá-lo. Processos simples, honestos; maneiras de ver sempre inteligente. Do triunfo que obtiver a revista, do possível sucesso que eu fizer em qualquer dos quatro numeros que confiaram à minha inexperiencia, e nos quais empreguei toda a minha boa vontade, tudo a ele se deverá, à sua persistencia, à sua tenacidade.

— Confia, então?...

— Naturalmente. Nem a minha mocidade me impõe outra coisa. Se eu desejo trabalhar é porque quero viver e, hoje, mais do que nunca, a felicidade, a vida, o futuro, só o trabalho nos pode oferecer. Assim o meu Anjo Bom esteja comigo, na hora em que eu pisar de novo as tabuas deste palco...

COLEGIO ULISSIPONENSE

Um almoço de homenagem ao comandante e oficiais do Grupo de Esquadrilhas de Aviação «Republica»

O director do Colegio Ulissiponense, prof. Gomes da Costa, no desejo de corresponder à gentileza com que foram recebidos no Grupo de Esquadrilhas de Aviação «Republica» os seus professores e alunos quando da sua ultima visita àquella unidade militar, ofereceu ontem no edificio do Colegio um almoço intimo ao comandante Pinheiro Correia e aos aviadores capitães Moreira Cardoso, Sarmento de Pimentel, Pimenta e tenente Humberto da Cruz.

O almoço a que assistiram tambem Mme. Gomes da Costa, os professores do Colegio, capitão José Pereira, dr. Sebastião Pestana e D. Maria Soares da Silva, e os srs. Joaquim Manzoni Sequeira, representando seu pai o sr. Antonio Manzoni de Sequeira, administrador do «Diário de Lisboa» e o sr. Fernando Soares, secretario do Colegio, Ulissiponense, ao que o director prof. Gomes da Costa, respondeu bebendo pela aviação portuguesa.

Findo o almoço foram visitadas todas as dependencias do Colegio que mereceram aos aviadores os maiores elogios.

Automoveis sem chauffeur

Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

DE LUTO

Homero Pancada Santos

Faleceu esta madrugada no hospital de S. José, onde entrara acometido de doença subita, o sr. Homero Pancada Santos, co-proprietario da casa Barros & Santos, e pessoa digna, muito conhecida e respeitada no comercio de Lisboa, onde a sua morte causou profunda magoa.

A seus irmãos e sobrinho, em especial, e ao seu amigo e consocio, sr. José da Silva Regalheira, socio gerente do importante estabelecimento, enviamos os nossos sentimentos.

SUFRAGIOS

D. Maria Margarida da Motta Marques Ferreira de Castro

Na Basilica da Estrela, realiza-se amanhã, 27, pelas 11 horas, a missa do 30.º dia por alma da senhora D. Maria Margarida da Motta Marques Ferreira de Castro, que faleceu resignada e como uma santa confortada com todos os Sacramentos da Igreja.

BOXING

Do sr. Pires Guerreiro, antigo boxeur e jornalista desportivo, recebemos uma carta em resposta ás considerações do sr. Antonio Soares, ontem publicadas no nosso jornal. Porque o espaço nos falta hoje, publicá-la-emos amanhã.

A GARRETT

Largo do Chiado, 9 e 11

Almoços completos de 12 e 16 Escudos
Jantares completos de 15 e 18 Escudos

Continua hoje no **TIVOLI** O EXITO APOTEOTICO
da obra-prima de Leitão de Barros que é um grande acontecimento nacional!

As Pupilas do Sr. Reitor

No **São Luiz**: o «clou» da temporada!

A VIUVA ALEGRE

com MAURICE CHEVALIER e JEANETTE MACDONALD



Os srs. general Carmona e dr. Oliveira Salazar apela-se em frente do Parlamento

(Continuação da 1.ª pagina)

constituíram-se em parada, a partir da avenida Presidente Wilson. Em frente do antigo edifício do Congresso, não pôde desta vez, ficar qualquer destacamento, militar, pelo facto das obras de desaterro que ali se estão a fazer não terem deixado ficar mais do que uma relativamente estreita faixa de rodagem. No atrio do Parlamento formou uma força da G. N. R., sob o comando do capitão Rodrigues, para prestar a guarda de honra à entrada.

Depois das nove horas já todos se encontravam a postos, para receber as altas individualidades convidadas para assistir à cerimónia, os membros do Protocolo, dirigidos pelo sr. Barreto da Cruz, que era coadjuvado pelos srs. dr. Pinto Ferreira, tenente-coronel Esmeraldo Carvalhais, capitão Luiz Santana, dr. Fontes Pereira de Melo e Ferreira da Fonseca, funcionários da Assembleia, entre os quais o sr. Guilherme dos Santos, encarregado do protocolo do Palácio.

O primeiro convidado a chegar foi o sr. general Pinheiro Machado que, às 9 e 30, subia a escadaria branca da entrada, precedido alguns minutos o deputado sr. dr. Juvenal de Araújo. Pouco tempo depois começaram a chegar com pequenos intervalos, os srs. dr. Braga Paixão, director geral do Ensino Primário; comandante Barbosa Carmona, brigadeiro Joaquim Malheiro, general Gomes de Sousa, comandante da 2.ª Região Militar, de Coimbra; almirante Santos Fradique, director geral da Marinha; comandante Pedro Rodrigues, professor Pereira Salgado, reitor da Universidade do Port.; professor Abel de Andrade, contra-almirante Castro Ferreira, intendente do Arsenal de Marinha; vice-almirante Sarmiento Saavedra, comandante geral da Armada; brigadeiro Penalva da Rocha, almirante Oliveira Muzy, chefe do Estado Maior Naval.

A primeira deputada a chegar ao Parlamento foi a sr.ª dr.ª D. Maria Candida Parreira. A seguir, impen-

te com o seu capelo e borla amarelos, entrou o sr. dr. João Duarte de Oliveira, reitor da Universidade de Coimbra. Uma fila interminável de automoveis continuava a deixar ao fundo da escadaria principal da Assembleia mais convidados: srs. embaixador Teixeira de Sampaio, secretário geral do ministério dos Estrangeiros; general Farinha Betão, comandante geral da G. N. R.; engenheiro Raul Couvreur, secretário geral do Ministério das Obras Publicas e Comunicações; Julio Caloia, agente geral das Colonias interino; general Vieira da Rocha, presidente do Supremo Tribunal Militar; general Hamilcar Pinto, administrador geral do Exercito; general Lacerda Machado, comandante da 3.ª Região Militar, com sede em Tomar; generais Moraes Sarmiento, ajudante general do Exercito; Silva Bastos, chefe do Estado Maior do Exercito; Alexandre Malheiro, comandante da Guarda Fiscal, e Vicente de Freitas, comandante da Escola Militar.

Numerosos officiaes representantes das unidades militares da provincia iam chegando tambem, assim como os governadores civis de todo o pais.

Às 10 e 30 chegou o primeiro membro do governo: o sr. dr. Costa Leite, sub-secretario de Estado das Finanças, e cinco minutos mais tarde, apeava-se do automovel da Presidência da Republica a esposa do sr. general Carmona acompanhada por suas filhas e filho.

Entraram depois, quasi ao mesmo tempo, os srs. ministros da Justiça e da Guerra, que se juntaram no atrio ao titular da pasta da Marinha e interino dos Negocios Estrangeiros, que entrava pela porta posterior do palacio, reservada para a entrada dos membros do Corpo Diplomatico. A seguir chegaram os srs. dr. José Alberto dos Reis, presidente da Assembleia Nacional, ministros do Interior, das Obras Publicas, das Colonias, acompanhado pelo respectivo sub-secretario de Estado, da Agricultura e do Comercio, conselheiro Botelho de Sousa, presidente do Supremo Tribu-

O chefe do Estado leu na sessão

uma mensagem em que resumir ver realizados durante o segun-

nal de Justiça, general Eduardo Marques, presidente da Camara Corporativa, sub-secretario de Estado das Corporações, general Daniel de Sousa, e ministro da Instrução.

A entrada do chefe de Estado

Aproximava-se a hora da chegada do chefe do Estado. Uma esquadilha de bombardeamento de Alverca evolucionava sobre o palacio. Na rua de S. Bento algumas pessoas paradas olhavam com curiosidade a fachada do Congresso e nas janelas dos predios fronteiros, encerrados com receio do tempo, começaram a aparecer alguns habitantes desejosos de presenciar a entrada do sr. general Carmona.

Poucos minutos faltavam para as onze, quando apareceram no fim da avenida Presidente Wilson as primeiras forças da escolta presidencial. Finalmente, á hora marcada pelo protocolo—onze em ponto—parava em frente do palacio um trem conduzindo os srs. general Amílcar Mota, chefe da Casa Militar do sr. Presidente da Republica, Leal Marques, chefe do gabinete do sr. presidente do Conselho, comandante Sequiera Braga e capitão Silva Costa, ajudantes do sr. general Carmona.

Numa carruagem fechada, ladeada á direita pelo sr. general Domingos de Oliveira, governador militar de Lisboa, e á esquerda pelo sr. brigadeiro Correia Guedes, comandante das forças da escolta, chegou a seguir o sr. general Carmona, fardado com uniforme de gala e a banda das três ordens, que se fazia acompanhar pelo sr. dr. Oliveira Salazar, trajando de casaca e sem condecorações.

Entretanto acercavam-se da carruagem presidencial os membros do Governo, os presidentes das duas Camaras e a comissão de parlamentares encarregada de receber o chefe do Estado e constituída pelos srs. Pinto da Mota, general Schiappa de Azevedo, comandante Freitas Morna e dr. Mario Pais de Sousa.

Após rapidos cumprimentos o sr. Presidente da Republica, tendo á direita o chefe do Governo, subiu a escadaria do Parlamento, seguido por todos os presentes e ingressou no vasto atrio, onde os clarins da G. N. R. tocaram a marcha de continência enquanto a guarda de honra apresentava armas.

O sr. general Carmona subiu então ao primeiro andar, repousando alguns minutos numa das salas do edificio.

Na sala das sessões da Assembleia Nacional, tudo estava a postos para a cerimonia. As tribunas repletas. Fardas e casacas recamadas de comendas. «Toilettes» femininas de requintada elegancia. A mancha amarela do capelo do reitor da Universidade de Coimbra e a nota purpurada das vestes cardinalicias do sr. D. Manuel Cerejeira, que tinha a seu lado a senhora de Carmona, davam ao cenario laivos de cores garbadas.

Na tribuna do Corpo Diplomatico destacava-se a figura severa do embaixador britânico, na primeira fila, em conversa amena com o nuncio do Papa. Havia depois uma cadeira vaga, destinada ao embaixador brasileiro, sentando-se a seguir o embaixador de Espanha. Por detrás, viam-se os ministros da França, da Italia, da Alemanha, da Polonia, da America e outros diplomatas.

Poucos minutos depois das 11 horas, o Chefe do Estado, seguido pelo Governo, atravessou os Passos Perdidos e deu entrada na sala das sessões. Uma orquestra executou a «Portuguesa» e a assistencia levantou-se. Lá fora troava a artilharia, solenizando o acontecimento. O sr. general Carmona assumiu então a presidencia, sentando-se á sua direita os srs. dr. Oliveira Salazar e general Eduardo Marques, presidente da Camara Corporativa e á esquerda os srs. drs. José Alberto dos Reis, presidente da



O Chefe do Estado, acompanhado pelo sr. dr. José Alberto dos Reis, presidente do Supremo Tribunal de Justiça, saindo da Assembleia Nacional e juiz-conselheiro Botelho de Sousa

Assembleia Nacional e juiz-conselheiro Botelho de Sousa presidente do Supremo Tribunal de Justiça.

O compromisso de honra prestado pelo presidente

Feito silencio, o sr. dr. José Alberto dos Reis levantou-se e declarou:

—O sr. general Antonio Oscar de Fragozo Carmona, toma hoje posse do cargo de Presidente da Republica Portuguesa, para o qual foi eleito pela segunda vez, pela Nação, em 17 de fevereiro do corrente ano. Para esse efeito vai prestar perante a Assembleia Nacional e em obediencia á Constituição, o juramento de fidelidade.

Neste momento o sr. general Carmona levantou-se e, perante a assistencia, de pé, leu em voz pausada o juramento concebido nos seguintes termos:

«Juro manter e cumprir leal e fielmente a Constituição da Republica, observar as leis, promover o bem geral da Nação, sustentar e defender a integridade e a independencia da Patria Portuguesa».

Em seguida, o sr. dr. José Alberto dos Reis declarou:

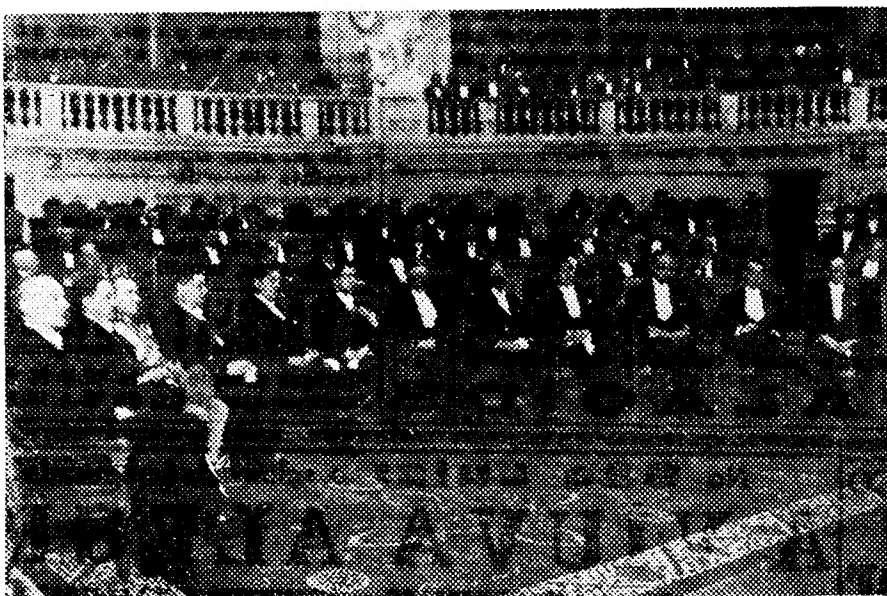
—Tem a palavra o sr. dr. Mario de Figueiredo para, em nome da Assembleia Nacional, apresentar as saudações ao sr. Presidente da Republica.

O discurso de saudação

do dr. Mario de Figueiredo

Subiu então á tribuna dos oradores o deputado sr. dr. Mario de Figueiredo, que proferiu o seguinte discurso:

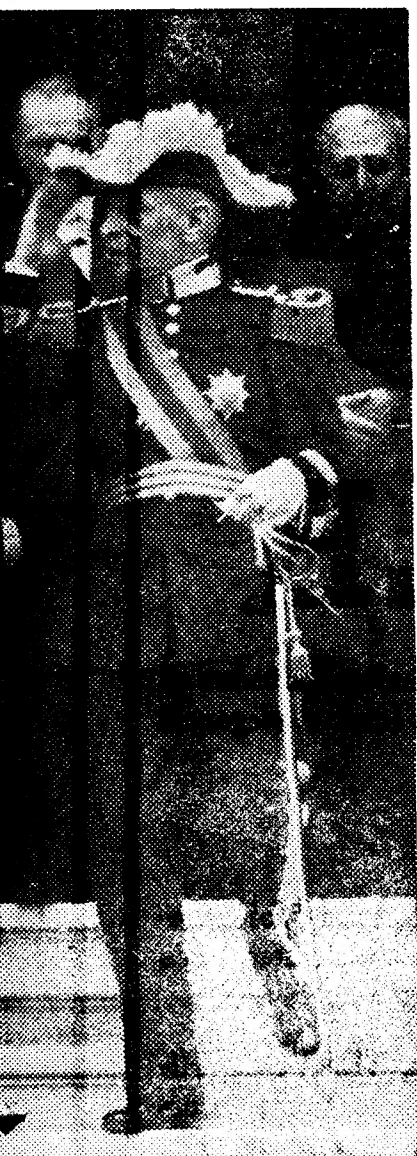
«Sr. Presidente da Republica:—Coubeme a honra de representar nesta sessão, a Assembleia Nacional—a maior honra que, em qualquer emergencia, podia receber, se não fosse maior a de ter um titulo qualificado para saudar V. Ex.ª.



Os membros do Governo nos lugares que lhes foram destinados na sala da Assembleia Nacional

hoje da Assembleia Nacional

os objectivos que desejaria
o periodo da sua presidencia



pelo Presidente do Conselho,
bleia Nacional

Todos os deputados que estavam subscreveram a apresentação da candidatura de V. Ex.^a à Presidência da República; de todos era querida a reeleição do homem que, ha perto de nove anos, é o primeiro ordenador da transformação operada em Portugal, transformação que lhe restituiu o sentido de totalidade, asfixiado sob um seculo de individualismo e sob uns anos de sacrificio de idéas á consolidação de interesses de grupo.

Agora, seguros de que exprimem o sentimento do país, todos se felicitam por verem continuar V. Ex.^a na posição donde só devem divisar-se as perspectivas da totalidade.

Todos se felicitam porque sabem — diz-lho o contacto com a vida politica portuguesa — que, estando V. Ex.^a na função e cabendo-lhe velar pelo bem comum e escolher os colaboradores na grande obra de reinstalação de Portugal na trajetória desenhada pelos antepassados e ansiada pelos nacionalistas, isso se fará.

Se dessa função só devem divisar-se as perspectivas da totalidade, na função está o homem que sabe cumprir o seu dever. Acaba a Assembleia Nacional de receber o juramento de V. Ex.^a. Ha na idéa de juramento invocações que se prendem com o fim do homem e que o obrigam em consciencia.

A obrigação em consciencia só pode ser imposta por uma lei universal. A essa lei tem V. Ex.^a obedecido e a Assembleia sabe que continuará a obedecer. E tambem sabe que é duro obedecer-lhe.

Erguem-se contra ela os interesses particulares feridos, os protestos dos homens para os quais a justiça é uma forma de matar a fome aos egoísmos, as proprias sollicitações do nosso coração; mas a lei universal manda sacrificar os interesses particulares ao interesse geral, manda distribuir justiça, sem olhar a protestos, manda calar as vozes do coração aos favoritos que o sollicitam.

Obedecer a essa lei é servir: servir a função que existe para a Patria, e, portanto, servir a Patria.

Muitos homens ainda não entendem isto. Supõem que quem está na função pode dispor dela como pode dispor do seu patrimonio, sem compreenderem que o patrimonio é para servir o homem e a função é para ser servida por ele. Não compreendem isto e clamam contra a dureza do homem que, para desempenhar a função, tem ás vezes de passar sobre escombros que lhe rasgam a alma.

Muitos não o compreendem; mas compreende-o o senso da colectividade e vem a exaltá-lo a historia.

Promover o bem geral da Nação: servir! Sustentar e defender a integridade e a independencia da Patria portuguesa: servir! E' o eco que vem de dentro das palavras do juramento.

E servir com lealdade...

A lealdade é a virtude do soldado: a lealdade e a disciplina.

Esta situação politica começou por ser militar e é ainda nas forças militares — reconhece-o de boa vontade a Assembléa Nacional — que se encontra o seu principal ponto de apoio.

Era natural que procurasse para a representação o simbolo mais vivo daquelas virtudes.

Sempre ao povo português foi querida a virtude da lealdade e, cansado da desordem a que o conduziu o sonho da liberdade, anda agora a vêr se consegue que dele se apodere o sentido da disciplina.

Era natural que quizesse para o representar o simbolo mais vivo daquelas virtudes.

A eleição do sr. general Carmona é a consagração dessas virtudes.

A Assembléa Nacional, interprete do sentimento da Nação, seguindo a inspiração do povo e das forças militares, sagrou, por unanimidade e de pé, marechal o sr. general Carmona.

Sendo quem é o Chefe de Estado, a Assembléa tem a segurança de que a Constituição será lealmente mantida, o bem comum e a grandeza da Patria sollicitamente procurados.

Senhor Presidente da Republica:

A Assembléa Nacional, antes do que saudar v. ex.^a, sauda o País que o tem como Chefe e aproveita o ensejo para endereçar á Nação os seus votos, porque, colaborando na providencial conspiração dos acontecimentos, os sancionou, elegendo-o, e exprimir os dela pelas melhores venturas do novo periodo presidencial e prosperidades pessoais de v. ex.^a.

Uma salva de palmas coroou as ultimas palavras do sr. dr. Mario de Figueiredo.

O chefe de Estado

leu uma mensagem á Assembleia

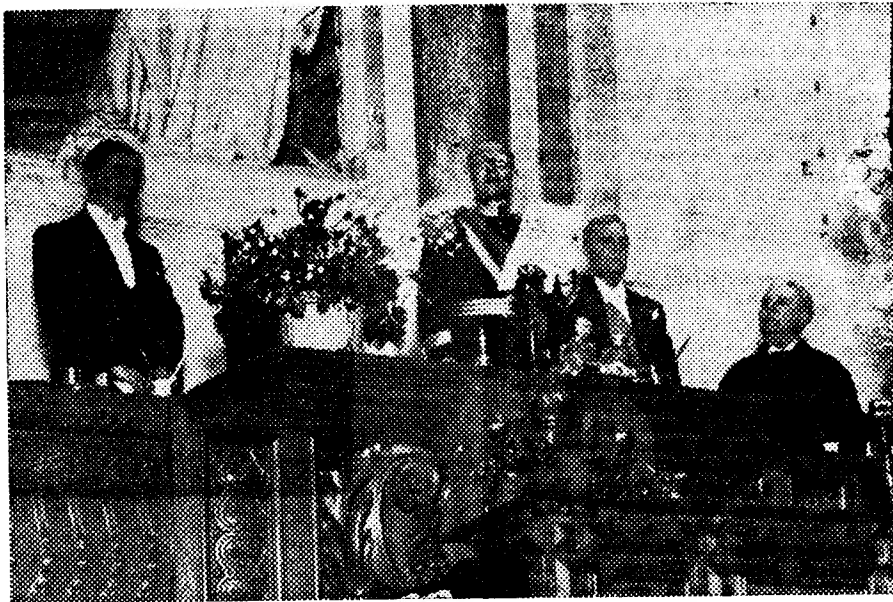
Seguidamente o sr. general Carmona levantou-se e leu a seguinte mensagem dirigida á Assembléa Nacional:

Senhores Deputados: — Agradeço a V. Ex.^a as palavras de saudação que me dirigistes e mais sentidamente ainda os votos que fizestes para que eu dirija com felicidade neste novo periodo o Governo do país. Eu sei que o que procede em harmonia com os ditames de uma consciencia recta cumpre perante a moral o seu dever, mas o homem publico só realiza o seu destino quando os seus actos aumentam o patrimonio moral e material da Nação. Penso ter obedecido sempre aos ditames da minha consciencia e espero confiadamente que a eles continuarei a obedecer, mas espero tambem que a Assembléa Nacional e os demais órgãos do Estado, ajuntando os seus esforços aos de todos os portugueses, darão aos meus propositos a virtude de com eles servir os altos destinos de Portugal.

* * *

«Senhores Deputados — Ha muitos anos que sirvo a Nação: primeiro a servi como soldado, sem reservas, sem restrições, como é lei do soldado, depois na direcção dos negocios publicos, desde que um movimento geral e profundo da opinião publica pôs fim a uma crise politica que pela sua longa duração e intensidade vinha enfraquecendo e anarquizando as forças estruturais do país.

Vão decorridos mais de oito anos depois que me foi confiado esse pesado encargo, tempo bastante para experimentar processos de actuação e para os condenar ou sancionar.



O sr. general Carmona lendo a sua mensagem...

Durante eles pôs-se termo ao dissídio permanente que nos enleava e ameaçava subverter, iniciou-se e já vai longe a obra de reconstrução moral e material da nação e esta readquiriu a confiança nos seus proprios destinos sobretudo depois que pôde ver a sua actividade apontada como exemplo a povos de mais relêvo na cena mundial.

E' certo que o esforço para a reconstrução não pôde ainda atingir todos os objectivos visados pela revolução nacional, não só porque alguns demandam de si mesmos muito tempo para serem executados, mas tambem porque fomos surpreendidos pela crise mundial que a todos os países fundamentalmente perturbou, mesmo aos mais bem apetrechados, mais ricos do engenho do homem e das dadas da natureza. Creio, porém, que os resultados merecem ser recordados e postos em relevo, e, se o digo, é sobretudo com o intuito de fazer justiça ao proprio esforço da Nação, sem o qual seria impossível obra de tão grande vulto, e á colaboração dos homens de boa vontade que a têm servido.

* * *

A idade já longa e os trabalhos de muitos anos podiam-me fazer crer que sobre outros ombros a Nação lançaria o pesado encargo de a dirigir. Entendeu ela, porém, que poderia ser-lhe ainda util a minha acção e eu acostumado a servir não a recusei, embora não ignorasse a gravidade dos problemas que ensombram a hora presente.

A crise mundial continua dominando todos os povos, invadindo todos os sectores da actividade. No mundo assim conturbado, e por força da solidariedade que a todos une, as nações são victimas não só das dificuldades que em cada povo se engendram e nascem, mas das que em outros povos se geram.

Parece-me por isso que toda a governação deve ser orientada no sentido de cada país, organizando-se a si proprio e promovendo o seu progresso material e moral, evitar que as suas dificuldades sejam causa de perturbação nas outras nações. Assim, do mesmo passo que realiza o seu ideal nacional, realiza ainda o principio da comunidade internacional, e esta attitude será sem duvida o melhor e mais util contributo que cada povo pode dar á obra da solidariedade das nações.

A reconstrução nacional tem de ser, tem de continuar a ser, simultaneamente moral e material: obra moral de fortalecimento continuo do ideal colectivo pela exaltação dos altos destinos da raça e das perspectivas que o seu genio saberá traçar, e pelo apaziguamento das paixões desvaídas, dos conflitos que dividem e por isso mesmo o diminuem; obra material que eleve o nível de vida da população e torne, senão mais facil, pelo menos mais util o esforço dos que trabalham.

Eis, senhores deputados, no que posso resumir-se os objectivos que desejaria fossem realizados neste segundo periodo da minha presidencia, para o que sei que posso contar com a ajuda da vossa colaboração valiosa.

O oidiil ha-vápf-h:mas

Ao terminar a leitura da sua mensagem o Chefe do Estado foi saudado com uma calorosa salva de palmas, após o que o presidente da Assembléa anunciou ter terminado a cerimonia do compromisso de honra.

E com o cerimonial da chegada o sr. general Carmona e todo o elemento official abandonaram em seguida o edificio do Parlamento.

A recepção ao Corpo Diplomático em Belem

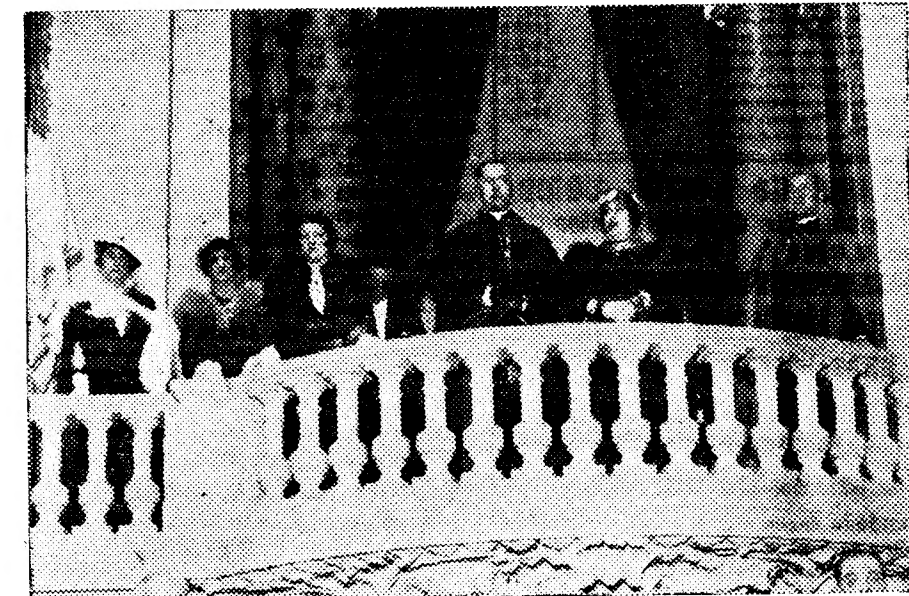
Pouco depois do regresso do chefe do Estado, ao Palacio Nacional de Belem, iniciou-se a recepção do corpo diplomatico.

A's 13 horas, começaram chegando os primeiros diplomatas aos quais eram prestadas as honras do estilo pela guarda formada no patio dos Bichos.

Diversos representantes dos países estrangeiros foram recebidos em audiencias separadas pelo sr. presidente da Republica.

Na sala das Bicas eram aguardados pelos srs. drs. Pinto Ferreira e Ferreira da Fonseca que os acompanhavam á sala Imperio, onde se encontrava o sr. Luiz Barreto da Cruz que, por sua vez, os conduzia até á sala Amarela, onde se encontravam os srs. general Carmona, dr. Oliveira Salazar, coman-

'Vêr continuação na 8' pagina.



A tribuna destinada ao sr. Cardial Patriarca e á familia do Chefe do Estado

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de Nova Gôa, D. Maria Isabel Temudo de Castro, D. Maria Carlota Somer Pereira Salgado, D. Maria Alice Pinto da Fonseca Pereira de Castro, D. Maria Luiza do Vale Monteiro de Aragão, D. Maria Emilia de Melo Osorio (Proença-a-Velha), e D. Leonor Maria Archer de Carvalho.

—Fez ontem anos a sr.^a D. Maria José Vicente Pina.

—Faz amanhã anos a sr.^a D. Maria Gabriela Anahory Garin.

NO HOTEL ATLANTICO

O sr. Orcutt, representante do presidente da «Linotype» americana, e sua esposa, ofereceram ontem, no hotel Atlantico, no Monte Estoril, um *cocktail Party* aos srs. Carl F. Deickman, consul geral dos Estados Unidos, John B. Faust, consul do mesmo país, a *mistresses* Basil King, Barmley, Davies, Rosenthal, Burgis, Faust, Uhl, Nielsen, Downs, Mc Lauri e Brymjulfassen, a *misses* Dabney e Anning e aos srs. major Bidwell, Barmley, Burgis, Uhl, Ehrenfest, Nielsen, Downs, Mc Laurie, Tom Turner, Kenneth James, Antonio Mascarenhas, Deniz Bordallo Pinheiro e Pedro Bordallo Pinheiro.

Usar **RUTHER**—é ter em alto grau atributos maiores da perfeição humana.

A venda na **Drogaria Açoreana**, de Ferreira & Ferreira, Lda. Rua da Prata, 99, 101

Caminhos de Ferro Portugueses Peregrinação a Vila Viçosa

No próximo domingo, 28, realiza-se, por motivo de Peregrinação Nacional, um comboio especial que parte de Estremoz às 7 e 35 e que regressa de Vila Viçosa às 19 e 55, sendo o preço de ida e volta, em 3.^a classe, de 3\$60.

Estação de Setúbal-Mar e linhas do porto de Setúbal

A partir de 25 do corrente, estão abertas à exploração a estação de Setúbal-Mar e Setúbal-Mar-Porto.

Tarifas de Camionagem

Entra em vigor no dia 1 de maio a tarifa de camionagem para os transportes entre os despachos centrais de Santarém e Rio Maior e as estações de Caldas d. Rainha e Santarém, passando pelas povoações de S. João da Ribeira e Vidais, serviço combinado com as Empresas Reunidas de Camionetes Caldenses, Limitada, das Caldas da Rainha.

Também entra em vigor no mesmo dia a tarifa de camionagem relativa aos transportes entre a estação de Braga e o despacho central do Gerez.

Festas da Senhora do Carmo em Fuzeta

Por ocasião das festas da Senhora do Carmo em Fuzeta, nos dias 28 e 29 do corrente, a C. P. estabelece um serviço especial, com bilhetes de ida e volta a preços muito reduzidos, válidos para a ida de 27 a 29, e para a volta até ao dia 30.

Feira de Montemor-o-Novo

Nos dias 1 e 2 de maio realiza-se a Feira de Montemor-o-Novo, pelo que a C. P. estabelece bilhetes de ida e volta a preços reduzidos, válidos para a ida de 30 de abril a 2 de maio e para a volta até 3 de maio.

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres.....	110\$00	110\$15
Paris.....	18\$50,8	18\$51,0
Madrid.....	3\$12,4	3\$12,8
New-York.....	22\$46,3	22\$46,4
Zurich.....	7\$40,4	7\$41,5
Roma.....	1\$83,0	1\$83,3
Bruxelas.....	3\$87,1	3\$87,7
Amsterdão.....	15\$44,9	15\$47,0
Berlim.....	9\$11,2	9\$22,5
Praga.....	6\$35,3	6\$35,3
Rio de Janeiro.....	1\$33,2	1\$33,3
Libra ouro.....	—	—

Henrique de Barros Gomes

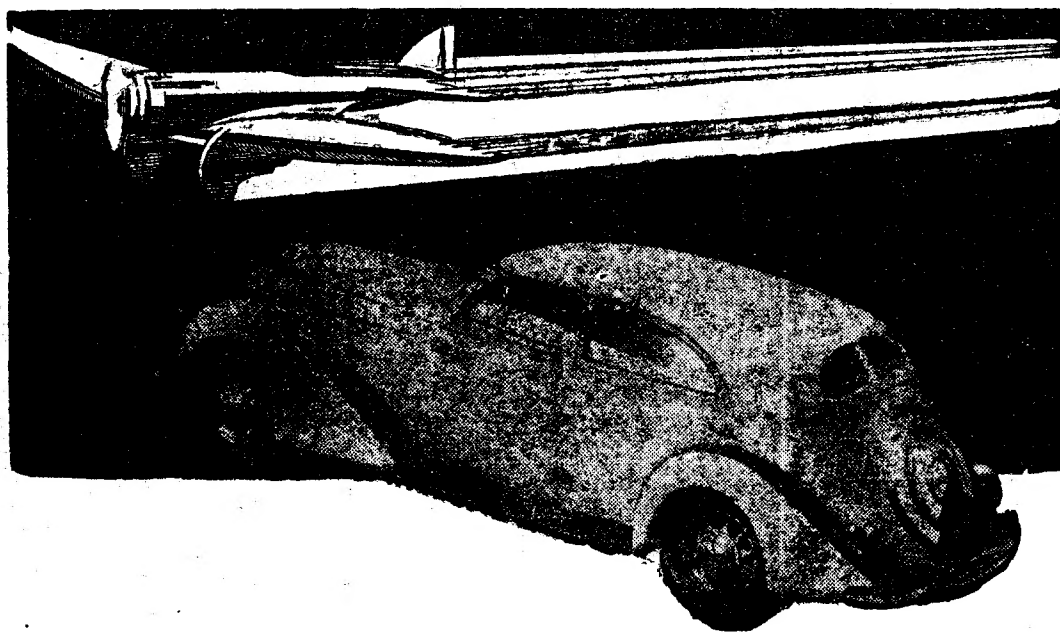
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
Telef. 2 5482 Rua S. Julião, 69

D. Maria Margarida da Motta Marques Ferreira de Castro

Confortada com todos os Sacramentos da Igreja

Missa do 30.^o dia

Mandada rezar por sua mãe e irmãos celebra-se a missa por seu eterno descanso, na igreja da Estrela, amanhã, 27, pelas 11 horas, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir.



HUPMOBILE

A PRESENTA mais um modelo sensacional, verdadeiramente extraordinário em todos os seus detalhes, seis cilindros, carroserie aerodinâmica, de grande luxo e elegância inconfundível.

A mecânica mais aperfeiçoada ligada ao maior conforto e beleza.

ESTE modelo que acaba de ser lançado alcançou em todo o Mundo onde foi apresentado o maior dos triunfos, pois que, sendo um carro que reúne o numero mais completo de aperfeiçoamentos, está ao alcance de todas as pessoas.

TODOS os carros vêm equipados com telefonia, vidros inestilçáveis, TRAVÕES HIDRAULICOS, travão de mão independente e às rodas, chassis extremamente reforçado em X, estofos de pano, mohair e pele verdadeira, cores inteiramente novas, etc.

EM EXPOSIÇÃO no Stand dos agentes gerais:

AGOSTINHO RIOS D'OLIVEIRA & C.^a (FILHO)

Avenida da Liberdade, 227 - Lisboa

CARTAZ TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«Como se faz um homem».
Trindade—A's 20 e 50 e 22 e 50—«Bola de Neve».
Apolo—A's 21 e 23—«Zé dos Pacatos».
Variedades—A's 21 e 23—«O Serra de Estrela».

CINEMAS

S. Luis—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Condes—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 30.
Odeon—A's 21 e 18.
Olympia—Das 14 e 30 às 24.
Chiado Terrace—A's 21 e 18.
Uptolito—A's 21.
Royal-Cine—A's 21 e 30.
Palacio—A's 21 e 30.
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Paris Cinema—R. Domingos Sequeira.
Jardim Cinema—Av. Alvares Cabral.
Promotora—A's 21.
Belem-Jardim—A's 21.
Eden-Cinema—R. do Alívio, s. Alcantara.



COMO UMA ROMA
ficará a sua boca
rubra, corada, fos
cicante, se usar a
pasta dentífrica
Mystik

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
A DA LIBERDADE 35 TEL. 21866 E NAS BOAS CASAS

Concurso para o Montepio Geral

Habilitam funcionarios do Montepio Geral. Trata-se das 19 às 23 horas, na Rua do Jardim do Tabaco, 60, 3.^a E.

Sortes grandes?

to a casa COSTA, LDA. as vende
60 - Rua da Prata - 62

Colegio Internacional de Lisboa

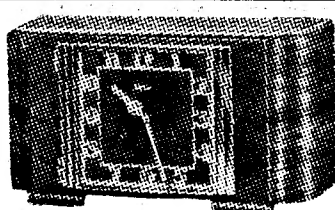
Quinta da Nazareth — R. do Lumiar, 182

Acha-se aberta neste colegio uma matricula especial para os alunos que, por qualquer motivo, tenham de transitar para o ensino particular.

Auto-car para a condução dos alunos.

Pedir informações e o horario do auto-car á Secretaria do Colegio pelo telefone: Lumiar 264.

MOBILIAS DE ESCRITORIO, GENERO AMERICANO
E EM TODOS os ESTILOS. Artes Decorativas
PAPEIS PINTADOS DESENHOS MODERNOS
SEMPRE GRANDE STOCK
Cretones // Damascos // Veludos
Oleados // Carpetes // Pergamoides
ELEGANCIA-ARTE-BOM GOSTO
FABRICO ESMERADO NAS NOSSAS OFICINAS



Não deixe de admirar a nova colecção de relógios para parede e mesa que o

TORROAES recebeu.

MODELOS PROPRIOS PARA AS MOBILIAS MODERNAS

119 - R. PRATA - 123

Telef. 2 4210

TRADUÇÕES
Francês, Inglês, Alemão, Espanhol, etc.
DACTILOGRAFIA
Toda a espécie de trabalhos
Execução rápida e perfeita
Escola Comercial Portuguesa
por correspondência
Secção de Tradução e Dactilografia
R. do Arsenal, 54-3.º — Lisboa

ESTRANGEIRO

Escrita à Maquina

Habituação perfeita. Para aca em diferentes tipos de maquina. Sala separada para senhoras. Lições de dia. Lições de noite (das 9 as 11 1/2 da noite).

Escola Comercial Portuguesa
por correspondência
R. do Arsenal, 54-3.º — Lisboa

O EX-REI JORGE DA GRECIA

Julga viável a restauração da Monarquia no seu país

PARIS, 26.—O ex-rei Jorge da Grécia, que se encontrava caçando na Índia, acedendo à solicitação telegráfica que lhe foi feita pelos monarquistas gregos, para que regressasse a França, logo que souberam da derrota da revolução venizelista, encontra-se já nesta capital.

Ontem os monarquistas gregos celebraram uma larga reunião a que assistiu o ex-rei Jorge. Depois de haverem apreciado largamente a actual situação da política grega, foram todos unânimes em declarar que a restauração da monarquia na Grécia, oferece agora maiores facilidades do que em qualquer outra ocasião, depois da revolução de 1924, em que foi deposto o regime. Esperam que a situação se torne ainda mais propícia quando se celebrarem as próximas eleições, pois contam com uma grande vitória das hostes monarquistas e consequente derrota dos venizelistas.

Crêem, também, que após as eleições não seja difícil à Assembleia Nacional proclamar a Monarquia Constitucional, ou então promover um plebiscito, no sentido de a Nação se pronunciar acerca do regime que prefere.

O ex-rei Jorge afirmou que a nova monarquia grega continuará a apoiar a Entente balcânica, procurando travar as melhores relações com a Turquia, Hungria, Jugoslavia, França, Itália e Inglaterra. Terminou dizendo que espera, uma vez restaurada a Monarquia Constitucional no seu país, que acabem as dissensões entre o exército.

O ex-rei foi muito cumprimentado pelos seus partidários que lhe renovaram os seus protestos de fidelidade e dedicação.—(United Press).

O dinheiro será sempre dinheiro

«Juvenia» será sempre «Juvenia», será sempre o maravilhoso tónico regressivo, que traz consigo a juventude remocente dos cabelos, dando-lhes o frescor juvenil da bela idade!

«Juvenia» encontra a cor perdida dos cabelos, a cor que a idade exilou e que «Juvenia» facilmente reconduz, em plenitude, à pujança natural.

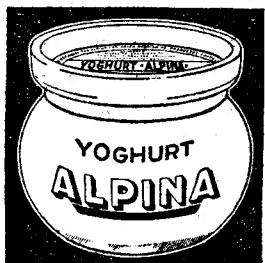
Isto são factos que milhares de pessoas podem, por experiência, comprovar.

Treviranus, o celebre naturalista alemão que criou, ha cem anos, a palavra «biologia», como expressão de «doutrina da vida», não desprezaria de classificar «Juvenia» como «vida da cor capilar», porque na realidade «Juvenia» é um regressivo absoluto. Acreditado, comprovado.

«Juvenia» é muito discreta e, como a transformação dos cabelos brancos ou grisalhos para a sua antiga cor é lenta, ninguém repara.

Mas... é preciso que seja: «Juvenia».

ALIMENTO DIETÉTICO



Desinfecante intestinal. O regulador por excelência das funções intestinais. Cura a diarreia e prisão de ventre pela destruição das bacterias de putrefacção que se geram no intestino. Recomendado aos doentes do fígado, rins, anémicos, diabéticos, nervosos e obesos. Distribuição diária ao domicilio Lisboa e linha de Cascais.

Pedidos a Alpina Lda - Carcavelos ou pelo telefone 21838 Lisboa.

Preço por boião Esc. 2\$50.

Leiam às quintas-feiras o jornal humorístico o «SEMPRE FIXE»

O Japão desconfia

dos propositos dos Estados Unidos

TOQUIO, 26.—A noticia de que o navio «North Haven» acaba de chegar a Honolulu, com material e pessoal norte-americano, para a primeira base da linha Estados Unidos-China, provocou comentarios desagradáveis por parte da imprensa. De facto, a opinião comum é que o empreendimento norte-americano, sob o aspecto civil, oculta objectivos militares. É possível que o governo nipónico ponha objecções á realização integral do projecto. Pelo menos, os meios nacionalistas reclamam-no. Com a nova linha, Manila e o sul da China, que ficam actualmente a três semanas da costa californiana, ficarão apenas a três dias.

O referido navio depois do desembarque do material destinado ás ilhas Hawai seguirá sucessivamente para Come Midway Island, Wake Island, Guam Island, Manila e uma cidade chinesa. Com excepção da ultima base, as outras são puramente americanas.—(Americana).

RENOVADOR-RUTHER

Pelas suas propriedades tonificantes, corantes e antisépticas, é o produto ideal para a conservação da juventude do cabelo.

A' venda na Farmacia Cortez. 91—Rua de S. Nicolau—93.

NOTICIAS DE ESPANHA

A crise de trabalho

MADRID, 26.—Os ministros do Comercio e Industria, Obras Publicas, Trabalho e Finanças, respectivamente srs. Manuel Marraco, Guerra del Rio, Eloy Vaquero e Alfredo Zabala, constituiram-se em comissão ministerial para estudar um projecto de obras publicas que têm por objectivo acabar com a falta de trabalho.

O ministro das Finanças, sr. Zabala, trata da parte financeira do projecto, a fim de mobilizar capitais destinados ás grandes obras que se projectam.—(United Press).

Assalto frustrado

FERROL, 26.—A força publica travou hoje de madrugada vivo tiroteio com um grupo suspeito que pretendia aproximar-se da base naval de Cedeira. Crê-se que o objectivo desses individuos era assaltar o Castelo de S. Filipe, onde se encontram presos varios revolucionarios da ultima insurreição.—(United Press).

Condenação de revoltosos

HUELVA, 26.—O Tribunal de Urgencia condenou a sete anos de prisão quatro individuos de Rio Tinto, acusados de matarem José Carnero, encarregado de uma mina, durante os acontecimentos revolucionarios de outubro ultimo.—(United Press).

O armamento aereo do Reich

LONDRES, 26.—O «Daily Telegraph» faz revelações sensacionais sobre o armamento aereo do Reich, mostrando que a Alemanha já possui duas vezes mais aviões de primeira linha do que a Inglaterra, para a sua defesa metropolitana. «Hitler — diz aquele jornal — declarou a John Simon que a Alemanha tinha atingido a paridade aerea com a Inglaterra. Essa paridade, porém, não se referia aos 480 aviões da metropole, mas sim, aos 1.200 aviões de primeira linha da «Royal Air Force» em todo o imperio».—(Havas).

Um incidente na fronteira

germano-lituana

PARIS, 26.—De Londres comunicam ao «Matin» que, segundo telegrama de Kaunas, soldados alemães fizeram fogo sobre os lituanos Karl e Auguste Einikis, na ocasião em que atravessavam a fronteira do Reich. O primeiro morreu e o outro está gravemente ferido.—(Havas).

A Vossa Pele Nova
Branca, Fresca, Aveludada



Experimente esta receita de um especialista

Faça desaparecer estes pontos

negros e estas feias escamas na pele

As mais recentes descobertas permitem agora a todas mulheres purificar, suavizar e embranquecer rapidamente a pele — por mais grosseira, ressequida e descolorida que esteja. O novo Crème Tokalon, Cor Branca (não gorduroso) tonico e adstringente, clarifica a tez. Penetra instantaneamente. É assim que a irritação das glandulas da pele é acalmada e que os poros da pele são apertados. Os pontos negros são dissolvidos e desaparecem. As rugas devidas a fadiga somem-se. A pele mais ressequida torna-se fresca. Uma pele oleosa deixa de brilhar e de parecer gordurosa.

É garantido que logo que se utiliza regularmente todas as manhãs, este novo Crème Tokalon, cor branca, dá á pele uma beleza e frescura novas indescriptíveis e isto de forma que não seria possível obter de outra maneira.

O Crème Tokalon encontra-se em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, dirija-se á Agencia Tokalon em Lisboa — Rua da Assunção, 88, que atende na volta do correio.

ÁGUA DE MOURA
CONVENTO
Essencialmente estomacal
MUITO LEVE
PALADAR AGRADABILÍSSIMO

Tem as suas nascentes na

QUINTA DO CONVENTO, de Santo António de Moura
e vende-se em toda a parte

Exclusivo da

Insulana de Comércio

R. DA EMENDA, 45 Telefone 2 4549
LISBOA

Fatos a prestações

De 15\$00 por semana, com bons forros e esmerado acabamento, só na Alfaiataria Lanas. Limitada — Praça D. João da Camara, 4. 1.º (por cima do Café La Gare) Em frente da estação do Rossio

DR. WACHSMANN MEDICO ARZT

Pelas Fac. de Lisboa e Berlim
Vias urinarias, Sifitis, Pele
Clínica Geral

Pr. D. João da Camara 4-1.º. Tel.: 5153
8 1/2-9 1/2 h. (pobres). 12 as 13-18 as 20 h.

VIDRARIA ALIANÇA

R. DA PALMA, 260

Completo sortido de louças, vidros, esmaltes e artigos de menage

**Companhia das Fabricas
Ceramica Lusitania**
Grandes fabricas de bons pro-
dutos ceramicos de
**TODOS OS GENEROS E PARA
TODOS OS USOS**
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga,
Setubal, Faro, Portimão e etc.
A CERAMICA QUE HONRA O PAIS!

ULTIMAS NOTICIAS

ODEON — PALACIO
O sensacional filme
O MUNDO EM MARCHA
com 5 das melhores es-
trelas de cinema

A burla dos seguros de vida prosseguiu hoje no Tribunal Militar o julgamento do dr. Caddido de Sousa

No Tribunal Militar, em Santa Clara, continuou esta tarde, em segunda audien-
cia, o julgamento do sr. major-medico Can-
dido de Sousa, um dos implicados na bur-
la dos Seguros de Vida, em Faro.

A sessão abriu às 13 e 20.

O sr. tenente-coronel Brito Faria, pro-
motor de Justiça, requereu que fosse lido o
relatório elaborado pelos peritos acerca do
exame medico legal do segurado Joaquim
Rodrigues Engenheiro, o «Mantas», que fale-
ceu, por ser um tuberculoso e sífilítico.

Leu-se o parecer do exame toxicológico
às vísceras do «Mantas» em consequência
de constar que ele havia sido envenenado.
O resultado foi negativo.

A propósito da leitura de varios do-
cumento travou-se vivo dialogo entre a
defesa e a presidência.

O sr. tenente-coronel Tamagnini Barbo-
sa requereu que fosse lida a certidão de
obito passada pelo sr. dr. Silva Nobre, que
foi o amado urgentemente a residência de
Emilia Viegas, verificando que ela fora
acometida duma congestão pulmonar, da
qual veio a falecer.

O sr. major-medico Candido de Sousa,
respondendo ás perguntas da presidência,
declarou ter 55 anos, ser solteiro e natural
de Mirandela.

O sr. tenente-coronel Tamagnini Barbo-
sa procedeu á leitura da contestação, o que
demorou bastante tempo.

No final, a defesa aludiu ao exemplar
comportamento do rei; os seus relevantes
serviços prestados á Patria como comba-
tente da Grande Guerra, em Africa; os
seus altos serviços como medico, e a pro-
longada e injusta prisão preventiva sofri-
da durante cinco anos e meio.

O sr. tenente-coronel Tamagnini Barbo-
sa fez varios requerimentos para saber o es-
tado actual do processo na comarca de
Faro, e quanto tempo esteve já o processo
nas mãos do delegado do Ministerio Pu-
blico para a pronuncia definitiva.

O sr. dr. Leopoldo do Vale, por sua vez,
tambem fez varias observações para evitar
possiveis casos de nulidades.

A audiencia, nesta altura, começou a to-
mar grande interesse, procurando o sr. dr.
Leopoldo do Vale inutilizar a contestação
apresentada pela defesa.

Encerramento do Ano Santo em Lourdes

LOURDES, 26. — Têm decorrido com
enorme entusiasmo religioso, e assisti-
das por cerca de uma centena de mil-
har de pessoas as cerimoniaes do Ano
Santo nesta cidade. O cardinal Pacelli,
legado de Sua Santidade, tem presi-
dido a todos os actos, na presença de
mais de cinquenta bispos franceses,
italianos, espanhóis e de outros pa-
ises. A missa pontifical desta manhã
teve uma imponencia extraordinaria.
Antes realizou-se o cerimonial da lei-
tura da carta pontificia.

O bispo de Moulins préga esta noi-
te na Hora Santa.

Encontram-se nesta cidade muitas
princesas e principes da Europa, e
representantes de antigas casas reais,
entre as quais as de Bragança, Or-
leans e Bourbon.

Lourdes é hoje, mais do que nunca,
uma cidade cosmopolita com peregr-
nos vindos de todas as partes do mun-
do. Encontram-se aqui muitos portu-
gueses. As cerimoniaes terminam so-
lemnemente no domingo. — (E.).

CASANOVA

Restaurante Dancing

Rua Jardim do Regedor, 9

Telefone 2 4938

Ceias á carta e ao preço de 10\$00

Orquestra de Sousa Pinto

A tragedia de Serpa

Faleceu hoje, vitimado pela raiva
o medico Durão Povoas

Faleceu esta manhã, no hospital de
Curry Cabral, onde entrara ha pou-
cos dias para tratamento, o sr. dr.
Francisco Durão Povoas, medico em
Aldeia Nova de S. Bento, que se en-
contrava atacado de raiva.

A noticia deste acontecimento, cu-
jos pormenores dramaticos são de
molde a impressionar e comover, já
foi dada pelos nossos colegas da ma-
nhã, que, justamente, puzeram em re-
levo a parte que no tragico desenla-
ce cabe á imprevidencia do falecido
clínico e de muitas outras pessoas,
que mais ou menos directamente tive-
ram intervenção no caso.

O dr. Durão Povoas era estimadís-
simo nos meios onde exercia a sua
actividade, sendo geralmente reco-
nhecidas as suas qualidades profis-
sionais e a sua dedicação pelo serviço
que lhe estava confiado.

Sendo um medico competente, dis-
tinto, mais estranhas apparecem ainda
as circunstancias em que ocorreu o
seu falecimento, por virtude duma
doença cujos sintomas só reconheceu
quando não havia, para ele, possibili-
dades de salvação.

Chegaram a Lisboa, e submeteram-
se a tratamento no Instituto Camara
Pestana, por suspeita de se encontra-
rem atacados de raiva, alguns indivi-
duos vindos de varios pontos do país,
que foram mordidos pelos cães que
deram origem á tragedia de Aldeia
Nova de S. Bento.

O funeral do sr. dr. Francisco Du-
rão Povoas realiza-se amanhã para a
terra da naturalidade do extinto.

O compromisso de honra do chefe do Estado

(Continuação da pagina central)

dante Mesquita Guimarães, ministro
interino dos Negocios Estrangeiros,
comandante Jaime Atlas, secretario
geral da presidencia da Republica, ge-
neral Hamílcar Mota, chefe da Casa
Militar do sr. presidente da Republi-
ca; Leal Marques, chefe do gabinete da
presidencia do Conselho e toda a
Casa Militar e Civil da presidencia da
Republica.

Pelo chefe do Estado foram rece-
bidos os srs. Nuncio Apostolico, em-
baixadores de Inglaterra, Brasil e Es-
panha; ministros da Belgica, Norue-
ga, França, Italia, America, Romaniaa,
China, Alemanha, Holanda e Checo-
eslovaquia; encarregados dos Nego-
cios da Argentina, Japão, Cuba, União
Sul Africana e Mexico.

Terminada a recepção do Corpo
Diplomatico, iniciou-se no Palacio
Nacional de Belem, um almoço ofe-
recido pelo Chefe do Estado, e ao
qual assistiram os srs. presidente do
Ministerio, ministro do Interior, mi-
nistro dos Negocios Estrangeiros, co-
mandante Jaime Atlas, general
Amílcar Mota e todo o pessoal da
Casa Militar e civil do Chefe do Es-
tado, pessoal do protocolo, coman-
dante da Guarda ao palacio, etc.

Foi muito concorrida

a recepção do funcionalismo

Pelas 15 horas, iniciou-se a rece-
pção ao funcionalismo e altas indi-
vidualidades nacionais.

A fim de tomarem parte nesta re-
cepção, que foi muito concorrida,
juntaram-se na sala Verde do Pala-
cio de Belem os representantes da

UM CRIME?

Apareceu morta uma mulher
em circunstancias misteriosas

Na travessa do Tarujo, a Campolide,
no «Casal do João da Fressura», há vá-
rias casas abarracadas, habitadas por
gente humilde e trabalhadora. No dia 12
deste mês mudou-se para a barraca
n.º 10 Maria Henriqueta Lambry, de
avançada idade, com uma filha, Eulalia
Lambry Rosa, de 39 anos, e o compa-
nheiro desta, chamado Julio Rosa.

Desde segunda-feira ultima que a vi-
zinhança deixara de ver a velhinha, o que
causou estranheza, sobretudo por ser
raro o dia em que os vizinhos não a ou-
vissem a pedir á filha que não lhe ba-
tesse mais.

Hoje de madrugada, quando a Eulalia
Lambry, mais o amante appareceram em
casa, a vizinhança quis saber o que era
feito da velhinha. Foi-lhes respondido
que estava morta.

O chefe Pereira dos Santos, da P. I. C.,
tendo conhecimento do caso, seguiu
imediatamente para o local e, ao entrar
na barraca, notou varios pormenores
estranhos, que o levaram a crer na hipo-
tese de um crime. Na reterida casa ha
apenas um catre, por sinal bem peque-
no, onde se encontrava o cadaver, de
costas e vestido. A cama estava feita.

Na cozinha encontrava-se um alguidar
com varias peças de roupa ensanguen-
tada.

O caso apresenta-se bastante miste-
rioso. Foram ouvidos João da Silva Vie-
ira, Alberto Costa, Guilhermina de Jesus,
Maria Inacia da Silva, José Lopes, Ma-
nuel Duarte e outras pessoas, sendo to-
dos unanimes em declarar que a Eula-
lia dava maus tratos á mãe.

A Eulalia e o amante foram presos.

magistratura, do funcionalismo civil,
deputados, procuradores á Camara
Corporativa e membros da comissão
administrativa da Camara Municipal
de Lisboa. Na sala Amarela reuni-
ram-se os officiaes do Exército e Ma-
rinha e na sala dos Bicos ficou a
oficialidade da C. N. R., Guarda Fis-
cal e representantes das guarnições
de Lisboa e da provincia.

As 15 horas: começou o desfile pe-
rante o Chefe do Estado, que se en-
contrava na sala Imperio, de unifor-
me de gala, com a banda das três or-
dens, ladeado por todos os membros
do governo e pessoal da Casa Militar.

Entre centenas de individualidades
desfilaram perante o Chefe do Estado
os srs. generais Silva Bastos, Boaven-
tura Ferraz, Pinheiro Machado, Vi-
cente de Freitas, Bernardo Canto, Go-
mes de Sousa, Hamílcar Pinto, Lacer-
da Machado, João Almeida, Almeida
Azev, Moraes Sarmento, Bernardo
Canto, Schiappa de Azevedo, Vieira
da Rocha, Farinha Beirão; almiran-
tes Ivens Ferraz, Oliveira Muzanty,
Saavedra, Cabeçadas, Castro Ferrei-
ra e Fradique; drs. juizes Jeronimo de
Sousa, Magalhães de Barros, Julio Ar-
mando, Almeida Vidal, Julio Seabra,
Manuel Furtado, Miguel Homem e
Melo, Almeida Ribeiro, Albuquerque e
Castro, Nunes de Carvalho, Pais Se-
queira, Simão José, Gomes Paulo, Vas-
co Borges, Magalhães Coutinho, Bo-
telho de Sousa, Joaquim Correia, etc.

As 16 e 30 foram recebidas as auto-
ridades e comissões administrativas e
da União Nacional, funcionalismo, etc.

Lanches para casamentos

PATISSERIE VERSAILLES

HOJE

Grandioso exito da celebre
Orquestra Argentina «CANARO»

E DO

Ballet «CONTINI'S»

A Orquestra CANARO, e a ORQUESTRA LUSITANA, privativa do ARCADIA, alternam hoje de
23 as 0 horas, executando musica de baile que sera radiodifundida pela EMISSORA NACIONAL

NA ESTRADA DE PALMELA

**Dois mortos
e seis feridos
num desastre de camioneta**

Hoje, pelas 10 e 30, deu-se, na estrada
de Palmela, um desastre de «ca-
mionette», de que resultou a morte
dum homem e dum rapaz.

O veiculo, pertencente a A. Gomes
da Silva, proprietario duma pedreira
em Torres Altas, proximo da Quinta
do Anjo, era empregado no transpor-
te de pedra para a reparação dum
troço de estrada entre Palmela e Moi-
ta.

Era condutor o «chauffeur» Rober-
to José Fonseca. Ao regressar á pe-
dreira, depois de descarregar a pedra,
a «camionette», para se desviar de
uma carroça que seguia em sentido
contrario, chocou com uma arvore,
voltando-se e cuspidos todos os que
a ocupavam.

O «chauffeur» e um trabalhador
chamado Antonio, ficaram ligeira-
mente feridos, sendo pensados no
hospital de Palmela e levados para o
hospital de Setubal.

Os trabalhadores Manuel Mota, de
18 anos, Antonio Manuel Freitas, Mi-
guel Cipriano Tomás, de 26 anos, e ou-
tro cuja identidade se ignora, depois
de receber curativo, foram transpor-
tados em macas para o hospital de
S. José.

Os trabalhadores Celestino da Sil-
va, de 19 anos, e Mario Evaristo Al-
pendre tiveram morte instantanea, fi-
cando na sala mortuaria do hospital
de Palmela.

Os socorros foram prestados por
uma camionette da carreira da
Quinta do Anjo.

O «SARGENTO BERA»

vibrou duas facadas no peito

José Antonio Caldeira, o famoso ca-
dastrado conhecido pela alcunha de
«Sargento Bera», encontrava-se esta
tarde num calabouço do tribunal da
Boa-Hora, para depôr como testemu-
nha num julgamento no 6.º Juizo Cri-
minal. De repente, houve borborinho
no calabouço, e os guardas foram en-
contrar o criminoso por terra a es-
vaír-se em sangue. Tinha vibrado duas
facadas no peito, motivo porque foi
transportado immediatamente, de «ta-
xi», para o hospital de S. José.

Peregrinação a Vila Viçosa

Conforme o comunicado de ontem
do Automovel Club de Portugal, esta
agremiação organizou para os dias 27,
28 e 29 do corrente mês um serviço es-
pecial permanente de assistencia em
estrada, por meio de carros de Pron-
to-Socorro, estabelecendo, tambem em
Vila Viçosa (Porta dos Nós—Patio da
Casa de Bragança) um parque de es-
tacionamento exclusivamente reserva-
do para os automoveis dos seus asso-
ciados.

A pedido do mesmo A. C. P., a Par-
ceria de Vapores Lisbonense acedeu,
por deferencia especial, a efectuar as
seguintes carreiras extraordinarias
de «ferry-boat»:

Para a ida: partidas do Cais do So-
dré ás 5 e 6 horas da madrugada do
dia 28, devendo as pessoas que quei-
ram utilizar-se destas carreiras mar-
car os seus lugares até ás 18 horas do
dia 27.

Para o regresso: partidas de Cacil-
has durante toda a noite de 28 para
29, ás 21,30—22,30—23,30—0,30—1,30—
2,30—3,30—4,30 e 5,30.

**SPEEDWELL
MOTOR OIL**

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA—Telefone 20271

O «LUSIADA DO BAIRRO LATINO»

Antonio Nobre

O homem e a sua obra analisados á luz da critica moderna

A tragédia que é, numa alma, sempre, a existência do genio poetico e a aceitação de todas as obrigações que ela impõe (com a mesma intensidade que a revelação e o genio místicos) viveu-a Antonio Nobre, com intensa e quasi exclusiva absorção de todo o seu ser.

Para outros, e, por vezes, maiores poetas, essa tragedia é apenas a revelação de uma luta da sua alma com a vida e a sua realização e poesia são a propria expressão da vitoria intima ou da visão da vitoria que nela encontraram.

Antonio Nobre viveu intensamente o sofrimento de ser poeta e não o superou.

A sua poesia não é, após uma luta e uma vitoria interior, a expressão de uma concepção da vida.

Essa concepção pessoal da vida, essa vitoria interior do poeta sobre a sua tragedia, não são necessariamente uma concepção de triunfo, de energia ou de esperança.

Pode a vitoria intima de um poeta levá-lo a uma concepção da vida resignada e estoica como a de Lucrecio ou a de Vigny, desesperada como a de Leopardi, meramente dolorosa como a de Heine ou, com base no sentimento psicologico do remorso, a de Baudelaire.

O que precisamos de compreender é que Antonio Nobre, caso bem raro e quasi unico entre os grandes poetas, não chegou a realizar uma concepção de vida, não superou a sua tragedia intima com uma vitoria que desse — desgraçado ou glorioso — um sentido de afirmação á sua mensagem. E, no entanto, quando na quasi totalidade dos poetas a expressão desta primeira fase de realização interior e procura da verdade propria se manifesta em poemas que só valem como sintoma e só interessam pela grandesa das realizações posteriores (e é o caso, por exemplo, dos primeiros livros de Antero) os poemas de Antonio Nobre são altíssimas realizações de poesia.

Por absolutamente raro e quasi unico o caso de Antonio Nobre não tem sido devidamente compreendido.

Os que procuram nos seus poemas uma concepção da vida, ou, por a acharem deficiente, diminuem o seu valor, ou por em vão a afirmarem, se diminuem a si proprios e ao seu genio poetico. Daqui talvez o facto de Antonio Nobre ser, ainda hoje, dos poetas mais combatidos ou mais servilmente seguidos sem que se veja compreendido com equilibrio tudo o que tem de grande, com o necessario conhecimento dos limites dessa grandesa.

Antonio Nobre não realizou uma concepção da vida e não trouxe por isso aos homens uma mensagem que possa ser base ou incentivo de novas criações, por directo desenvolvimento ou reacção provocados pela sua obra, que é como, geralmente, agem os outros grandes poetas.

Mas Antonio Nobre foi um grande um dos maiores poetas portugueses.

Foi-o, porem, caso rarissimo, caso

talvez unico, vivendo apenas a sua tragedia intima de ser poeta vivendo-a em orgulho, em esperança e sobretudo em afeição, em sofrimento e em desespero.

Não será talvez inutil esclarecer que a facil aquisição de um equilibrio e de uma certeza de todos os poetas classicos e mesmo ainda de quasi todos os romanticos lhes vem da aceitação de uma concepção de vida dominante no seu tempo por predomínio de uma crença religiosa ou forte idéa filosofica, aceitação quasi espontanea e natural porque nelas vivem e crescem.

Assim se compreenderá melhor a profundidade da tragedia intima dos poetas modernos — dos sinceros e humanos e não meramente formais — os quais, qualquer que seja a concepção de vida a que cheguem (mesmo quan-

timas, a dor e a solidão do seu genio poetico, que não chegou a dominar a vida e a alcançar a propria vitoria, realizando uma concepção da vida que fosse a sua mais alta justificação.

Mas tal era a admiravel qualidade do seu genio poetico que os poemas em que directamente exprimiu essa tragedia não são incertos e imperfeitos, nem incompletos por falta de uma idéa dominante, mas, ao contrario, altíssimas realizações de poesia. E assim Antonio Nobre pôde realizar esta obra unica que é a directa transposição da tragedia poetica, das suas aspirações e sofrimentos, sem diminuição de beleza, apesar de a não ter superado nem alcançado o estado de perfeição interior e equilibrio de que nascem os grandes poemas.

E assim Antonio Nobre pôde escre-

ta altíssima e tão excepcional criação poetica?

Foi ter Antonio Nobre sentido o seu genio poetico com tanta intensidade — embora ele não tenha realizado numa concepção da vida — que o pôde tornar, só por si, como razão da sua poesia.

A expressão deste principio dominante da sua poesia manifesta-se na directa realização, não de uma obra a que aspira, mas do directo sentimento dessa aspiração. E assim nos seus poemas vemos expressos todos os sentimentos de predestinação no genio, sem que a obra genial tenha sido sequer concebida. Vemos as ambições imensas como forças directamente sentidas e indo até ao delirio («Ser senhor-feudal do mundo!») sem que o objecto da sua ambição tenha sido sequer concretizado. Vemos o sentimento dominante da aflição, fundamentalmente determinado pela desproporção entre a visão que tem do seu genio e a opposição da vida e a limitação das suas proprias realizações.

E como compensação, unica, para a tortura sem nome, para a dor mais alta que jámais sofreu um poeta, esgarçado entre a ansia e a impossibilidade da criação e da obra genial, como compensação, unica, sempre, a idealização do momento da sua vida em que a revelação espontanea do seu genio, ainda não confrontado com a vida e com as suas proprias possibilidades, lhe deu o estado de alegria e de plenitude — o momento da sua infancia.

Como compensação ao seu sofrimento de impotencia genial opõe a imagem da sua infancia — o paraíso perdido da infancia e da adolescencia quando o seu genio não encontrara ainda os obstaculos da vida e era fremente aspiração.

A infancia volta sempre, nele, em recordação e saudade. No que respeita a Antonio Nobre não é de facto uma frase convencional dizer que a infancia lhe foi o paraíso, perdido, para entrar, pela tentação da vida, num mundo de torturas.

E sempre através dos tormentos da visão dolorosa da luta pela vida e o tedio das disciplinas necessarias da cultura ou da vida material, sempre, ora invocada já como predestinação para a desgraça, ou como perdido bem que o tempo levou, sempre será, além do seu amparo, também o seu sonho e a sua aspiração.

Sê-lo-á no amor, para ele sonho de uma ternura que o pudesse embalar na aflição e fechar-lhe os olhos para ele adormecer, como menino, no seio da morte. Sonho da infancia imposta á propria morte, ora vista com infantil pavor, ora esperada, como ama de embalar.

Poesia do sofrimento do genio que se sente e não pode realizar-se na vitoria sobre a tragedia intima, vitoria que é nos grandes poetas a criação genial.

JOÃO DE CASTRO OSÓRIO



Fotografia inédita de Antonio Nobre, tirada no seu quarto de estudante em Paris

do ela venha a ser a aceitação de uma crença religiosa ou idéa filosofica anterior) têm de a viver e alcançar por si proprios.

Isto explica a razão da falencia de tantos poetas modernos, ou porque a sua expressão não alcançou todo o poder de que eram capazes, ou porque desistindo do sofrimento necessario, se diminuíram, mas serenaram, no amparo de um formalismo poetico sem intima tragedia.

Isto explica também as condições do aparecimento, na sua época, do caso, talvez unico, de Antonio Nobre.

Nenhuma crença ou idéa dominante tinha, no momento em que surgiu o seu genio poetico, a possibilidade de se lhe impôr directa, natural, espontaneamente.

Dominavam-no desde os Primeiros Versos um sentimento de predestinação do seu genio, o orgulho e a ambição de fazer a obra que lhe ordenavam os seus «Momentos de Camões», o sofrimento e a aflição do desacordo entre a vida e as suas possibilidades

ver o «Só» que é o livro mais triste que ha em Portugal e as «Despedidas» que é, talvez, mais triste ainda.

Não exagerou Antonio Nobre sobre si proprio ao afirmar a maxima tristeza dos seus poemas. Porque numa concepção mesmo dolorosa ou desesperada do mundo e da vida ha ainda um poder de afirmação — e por isso de compensação em energia a todo o sofrimento.

Nos poemas de Antonio Nobre ha só o sofrimento vivido, mesmo quando procura recusá-lo ou espera vê-lo vencido, mesmo quando o esconde a si proprio pela reevocação do paraíso de iluminação e orgulho e espontanea alegria da sua infancia. E sempre o sofrimento, vivido embora pelos mais diversos aspectos.

E é mesmo a complexidade dos aspectos porque vive o seu sofrimento o que o torna tão grande em poesia — não monocórdia lamentação, mas multiforme confrontação com a vida.

O que tornou de facto possível es-

HISTORIETAS FUTEIS

Et ne saurait-on pêcher par excès d'idéalisme? — Henri Hauser

POR JOAQUIM MANO

Lacraus

Encontravam-se às sextas-feiras, na mesma livraria. Um vinha do ministro, com a sua miopia caligráfica, miudinho no andar, o fato coçado pelo roçar monótono da lenta rotina, uma espécie de poeira que se exalava das suas maneiras, dos seus olhos expletivos, dos seus suspiros atirados num cansaço de asmático, ofegando, apenas o caixeiro lhe oferecia uma cadeira:

—Vivo como uma borboleta fechada numa garrafa.

O outro empregava-se numa vaga companhia de seguros, instalada em segundo andar da rua dos Capellistas, na qual se ulcerava, praguejando, gritando e protestando roucamente contra a exploração do espírito pelo capital. Era alto, magro, desajeitado e sujeito a rompantes de ferocidade verbal que somente se acalmavam, quando o velho livreiro, o sr. Caraga, lhe dizia:

—Olá, amigo! Nesta casa vendem-se livros, mas não se fazem discursos.

Acalmava, reconhecendo que se excedera:

—E' superior às minhas forças... Injustiças não as sofro!

—Acho bem a sua rebeldia, embora desconfie que a sua saúde não comporta o peso de tanta eloquência.

Os dois entendiam-se, enquanto estavam de pé, tratavam-se com estima, abraçavam-se e trocavam cigarros:

—Prove lá dos meus que é marca recente da companhia...

Apenas se sentavam, soprando fumaças virulentas, olhos no tecto e negrecido, começavam a distanciar-se, a isolar-se, cada qual na sua utopia.

No fundo, estes dois homens, de tamanho e enfermidades tão diferentes, —o cardíaco e o bronquítico—boiavam no idealismo dos incompreendidos: refugiavam-se no sonho, envenenando-se de má literatura, deliciando-se com o seu bando de quimeras que lhes nasciam das comportáveis desditas que eles chamavam «a sua tragédia». Ambos se queixavam amargamente do azar que os retardava e amargalhava na sua ascensão.

—Olha o Tavares «Russo» que fez fortuna a vender perdizes, na Praça da Figueira... E o Silva «Carocho» que já é chefe de repartição, no seu ministério!

Eram aos mólhos os antigos companheiros de collegio que se haviam evadido da penúria e da palavra inútil, alcançando-se a prúdia na Avenida e aos carros de luxo.

—Se fossem honrados como eu, aceitando a sorte negra e resistindo às coíças desencadeadas, ainda hoje gozariam do respeito publico.

—Lá vem você com a presunção de que a rua se descobre, quando lhe põe os olhos em cima.

—Ora essa! Porque não? Nunca ninguém me apontou a dedo como ladrão.

—Isso é verdade, mas nem só os ladrões são alvo da excreção popular. Quantos inocentes não são lapidados, queimados e crucificados! O meu querido amigo evite que o seu nome se torne muito conhecido, pois as suas idéas, dado o entusiasmo com que as defende, talvez lhe acarretem sensaborias.

—E é o senhor que fala assim! Levava os dias na repartição a ruminar mundos e as noites em casa a esboçar atentados. O seu arzinho de gato friorento alberga e esconde um temível manipulador de químicas suspeitas.

—Não nego que desejo descobrir a formula perfeita dum outro viver onde o merito não ande confundido com a impostura... Pudesse você dedicar-se á mesma tarefa bendita! Desgraçadamente, o seu altruismo de doutrinario é a capa que disfarça o seu egoismo de negociante.

—O senhor insulta-me e eu não tolero enxovalhos.

—E eu não me resigno ás suas calunias nem á facilidade com que me julga capaz de o seguir nos seus desmandos de linguagem. Fique sabendo que o considero um biltre.

—Parto-lhe a cara, toupeira das alforjas...

Nesta altura, o proprietario do estabelecimento tirava a boina desbotada, batia com o punho na secretaria e bradava iroso:

—Os senhores calam-se, senão vão para o olho da rua!

Compunham-se, então, os contendores, mas ainda rescentes do cheiro da pólvora.

—Eu não tive a culpa...

—Nem eu!—acudia o varilongo, estendendo um braço justiceiro para aniquillar o suposto provocador.

—Você faz o mal e vira-se contra mim!

—Quem o condena é a sua propria consciencia.

—Aí está você a voltar ao principio. Não se emenda, por mais que faça...

—Breve ajustaremos contas!

Nestes deploráveis termos, lhes prosperava a amizade. Combatiam-se, mas completavam-se. Justificavam-se mutuamente. O mais baixo e raquítico era a humildade do homem dos seguros e este, comprido e tonitroante, o orgulho do seu sosia. Assim que o placido e flacido Caraga dizia:

—Toca a andar, que são horas—os dois erguiam-se, despedindo-se equanimemente do livreiro. Encaravam-se com mau parecer e abalavam, sem apertar as mãos. Entre os dentes, sibilavam:

—Saco de viboras!

—Barril de cicuta!

Na sexta-feira seguinte, esquecidos dos golpes dados e recebidos, reapareciam, com a repetição literal das suas desavenças. A tara que os separava unia-os também. No pó em que se revolviam, tristes e anônimos, tinham saudades do seu rancor como expressão lirica do seu amor. Por isso, alguém dizia deles:

—São o fogo e a cinza do mesmo odio.

Os inimigos da alma

Foi-me apresentado em casa do dr. Abel Violante que, aos sabados, recebia, «pessoas amigas» no seu palacete da rua de S. Crispim. Chamava-se Afonso Rodrigues e chegara do estrangeiro, onde frequentara varias escolas para, segundo alegava, escapar «ao virus das nossas Universidades».

Não se decidiu a conquistar um diploma, porque a sua curiosidade era maior que o seu arrivismo. De resto, a sua fortuna punha-o a coberto de concupiscencias funestas ao culto do saber...

As mulheres fitavam-no seduzidas pela sua mocidade, pelo seu desdém elegante, pelo seu perfil byroniano, pela sua infatigável oratoria e pelos seus gestos enlaçantes de fauno civilizado.

—Sei que tem percorrido meio-mundo... Conte-me as suas impressões de viajante.

Dirigia-se-lhe assim a D. Guida Barros, sorridente, imprevidente e impenitente, que corria as salas de Lisboa, com o desejo bem compreensível de ser eternamente nova e efemeramente compassiva.

—Que lhe posso dizer que v. ex.ª não saiba, minha senhora? Os países andam divulgados, apregoados em todos os idiomas e cartazes.

—As sensibilibidades são diferentes, as maneiras de apreciar não coincidem. Ficar-lhe-la grata, se me mostrasse como viu e entendeu as cidades que mais o prenderam.

—Não tive tempo para distrações nem para amáveis frivolidades. Estudo, ouvi lições admiráveis, debruçei-me sobre problemas difíceis e descobri larga perspectiva para o meu espirito. Devo mesmo confessar a v. ex.ª que

abracei uma filosofia cheia de austeridade...

—Ninguém o acreditará, creia-me. Se frequentou cursos, o seu rosto compromete-o. As suas pestanas nem estão queimadas nem descaídas pela meditação demorada e profunda. Quantos meses se conservou em Berlim?

—Dois anos seguidos—os mais fecundos da minha existencia laboriosa. No meu quarto de estudante, lia fundo Kant, Schopenhauer, Nietzsche e o modernissimo Jaspers. Não é facil de imaginar a longa crise intelectual que atravessei, vencendo-a. Os enigmas do homem e do universo exigiram de mim locubrações esgotantes.

—Embora eu passe por indiscreta, já que não senti o que um ironista meu amigo denomina «a epiderme opipara das nações», dê-me uma idéa, acessível á minha ignorancia, da vastidão das suas vigílias. Especializou-se nalguma ciencia ou absorveu a enciclopedia?

—Custa-me muito não a poder satisfazer, minha senhora, mas reservo-me para uma proxima serie de conferencias, na qual explicarei ao publico o resultado das minhas pesquisas e canseiras.

—Visto que se fecha na sua Torre de Marfim, não ousou desarruma-lo. Acho preferível perguntar-lhe: Onde aprendeu a vestir-se, a perfumar-se a dourar-se e a polir-se como o espelho de Cleopatra? Foram os venerandos filosofos que o instruíram ou as frageis mulheres que o perturbaram? Como sabe, sr. Afonso Rodrigues, eu tenho alguma pratica da vida, um fino faro para despistar e desvendar as manhas dos sabios...

—Reconheço que V. Ex.ª é um caso interessante de psicologia feminina. Freud consagra-lhe paginas dignas de maior atenção. Enquadra as mulheres como V. Ex.ª na categoria das que sonham acordadas.

—Se para saber isso lhe foi necessario familiarizar-se com a psicanálise, avalio, desde já, a inutilidade dos seus votos, nas solenes e magistraes universidades. Claro que não tenho necessidade de adornar para sonhar pois sonho com os olhos abertos. Foi até por esse motivo que me abeirrei de si, interessada pelo seu aspecto de Adonis, desenhado num pano de Arras. Quere que lhe diga o que o senhor não aprendeu? A sonhar, a tomar a realidade como uma terna ficção. De que lhe vão servir os textos e os papiros decifrados, através de insonias e suores frios? Não olhe a vida com a pupila inquieta dos astrologos, mas sim com a graça e a alegria dos rutilos poemas.

—Minha senhora, por enquanto, é cedo para entrar na ronda das tentações. A ciencia basta-me, porque me enebria. Encontro nela mais que o prazer e o mel dos sentidos, a exaltação do meu orgulho.

—Quere que lhe fale com franqueza? O sr. Afonso Rodrigues pertence a uma juventude que já se não usa. Envelheceu pelo coração. Está destinado a morrer gelado na poeira sapiente das bibliotecas conventuais. Exteriormente agrada á vista, mas intimamente desola-me. E' um sepulcro branqueado!

O dr. Abel Violante, para terminar o dialogo que se aciculava, propôs:

—Acabou a discussão, se mo consentem, vamos á musica...

Voltando-se para mim, confidenciou:

—A D. Guida é uma chama errante que á moda antiga, busca lenha para queimar desejos. O Afonso Rodrigues é filho dum homem que viveu de mais e pensou de menos. Isto explica que no seu sangue se inverteassem os termos do «deslulíbrio» paterno. Creio, porém, que nunca será feliz nem sabio.

Conflito

—Minha filha, repara bem no que te digo: na nossa familia só foram felizes as mulheres que amaram com prudencia e nunca com a fantasia.

Maria Dulce baixou a fronte alourada e lisa, na qual passou uma extranha duvida que formulou só para si:

—Devo eu «sujeitar-me» ao exemplo das minhas avós, a fim de não turvar a tradição que elas me legaram?

Sua mãe, vendo que ela não descerrava os labios, continuou:

—Não te aconselho que faças como soror Maria do Rosario, doce irmã do teu trisavó, que sepultou num claustro a sua mocidade, quando se sentiu «tentada» a fugir, no delirio insensato da paixão, com um official francês que regressava ao seu pais.

Não exijo tanto. E', porém, do meu dever avisar-te de que o casamento não se decide como qualquer aventura, porque se joga nele o nosso futuro. As mulheres que muito se ariscam, cedo ou tarde arrependem-se.

Não achas em roda de ti, nos rapazes que frequentam a nossa casa, quem te agrade para marido?

Maria Dulce deteve-se ainda um pouco, a medir bem o valor das suas palavras:

—Sei que sou muito nova e inexperiente. Os meus vinte anos não me dão direito—dizes tu—a deliberar por conta propria, em materias tão graves. Em todo o caso, minha querida mãe, não vejo possibilidade de voltar atrás: se na nossa familia a tradição do casamento combinado como um negocio de razão e sentimento foi mantida, por alguns seculos, desconfio que não posso conformar-me.

A minha rebeldia nasceu, sem eu saber como. Não ha tantas raparigas que casam com estrangeiros? Acaso traíram o respeito que devem a seus pais?

—E's teimosa ou não entendes o meu pensamento. Não estabeleço uma regra geral, pois me limitei a advertir-te de que na nossa gente o espirito de novidade é adverso ás mulheres. Os homens, sim: correram mundo e regressaram mais homens do que foram.

—As historias do passado não me comovem. Não fui eu que formei os meus sentimentos nem o meu caracter, mas tu que me educaste. O homem que me escolheu e eu escolhi tem para mim todos os encantos. Está na medida justa do meu bem querer. Hei de esquecê-lo, trai-lo para não irritar as «sombras» tumulares?

—Exprimes-te com um desembaraço que me assusta. Eis o primeiro fruto da tua má cabeça!

—Desculpa-me, minha mãe, se te ofendi, mas não tive tal intenção. Parece-me que devo ser fiel á palavra dada: prometi ser esposa do Albrecht e cumprirei.

—Que tempos! A obediencia era a primeira obrigação das noivas de outrora...

—Eu não te desobedeço, querida mãe, para me dar ares de emancipada, de menina moderna. Todo o meu ser se concentrou neste amor que é tão sincero como honesto. Não seria pior resistir á minha vocação?

—Farás o que entenderes, mas a idéa de te ver partir para longe—Deus sabe para que longinquas paragens...—aflige-me.

—Não te apoquentes com isso: jamais te esquecerei. As nossas avós, se conhecessem o Albrecht, vir-me-iam dizer baixinho: «Vai com ele para toda a parte e sem medo». E' que elas tiveram a felicidade de descobrir noivo, na linha fronteiriga dos seus sonhos pequeninos. Foi para elas o ultimo dos brincados e o primeiro dos bordados.

25-IV-1935.

JOAQUIM MANO

Notas em circulação



O premio Felipe de Oliveira, fundado pelos amigos e admiradores do poeta da «Vida Extinta», morto num desastre de automovel, foi este ano concedido ao livro de Gilberto Freyre «Casa Grande e Senzala». Já aqui se fez larga referencia a esse magnifico estudo sociologico, que honra um pais e uma cultura. No «Boletim de Ariel», o famoso mensario que se publica no Rio de Janeiro sob a direcção de Agripino Grieco, o sr. Saul Borges Carneiro, comentando a atribuição dessa importante recompensa, escreve:—«Houve quem estranhasse o facto de se conferir a obra de tal genero um premio de literatura. Excesso de rigorismo, sem duvida. Basta ampliar o conceito da literatura, e considerá-la simples sinonimo de expressão da vida intelectual, como fazem em geral historiadores e criticos, para perceber a sem razão da estranheza». Na verdade, assim deve ser. A intelligencia domina cada vez mais a criação literaria, sendo certo que, se o lirismo não morreu, vai-se adaptando e moldando a formas dia a dia menos puramente emocionais. E' um bem? E' um mal? O futuro o desvendará. Mas, agora, é um facto, cuja existencia ninguem se atreverá a negar. Acrescenta-se, porém, que o livro de Gilberto Freyre possui qualidades de estilo que, mesmo independentemente de qualquer outro motivo, o recomendam á atenção dos mais escrupulosos e devotos fieis da arte de escrever. A memoria do poeta, illustre pela sua fina e requintada sensibilidade de esteta, foi—parece-nos—prestigiada com a escolha do juri a quem pertence conferir o premio Felipe de Oliveira. Não é isto meter foice em seara alheia. Apenas manifestar de novo a nossa admiração excepcional pelos meritos, realmente excepcionais, da «Casa Grande e Senzala».



Não cessa a irradiação e o culto do genio de Mallarmé. Ainda ha pouco saiu um ensaio de Camille Mauclair, em que o poeta de «Herodiade» e do «Après-midi dun Faune» é carinhosamente evocado. Era um puro, um raro, um desinteressado artista, Mallarmé. A grandeza e a nobreza da sua vida intelectual está por assim dizer condensada nestas palavras que Mauclair lhe ouviu um dia em que falava ao Mestre de «ratés», de falhados literarios:—«Mas Mauclair, interrompeu Mallarmé, «falhados... somos nós todos. Reflicta um pouco:—aqueles que não se propuzeram senão objectivos fracos, livros habeis e não deshonrosos, a Academia, a fortuna, «conseguem-no sem trabalho de maior, e não podem ser considerados «ratés», pois que nada tentaram. Guardemos preciosamente para nós esse nome que nos abandonam ou nos atiram á cara, e aprendemos a venerar a beleza, porque tal nome é o proprio signio da ambição imensamente desproporcionada ao nosso esforço, e é a garantia da nossa honra. A recompensa está, precisamente, em ser no plano superior um «raté», isto é, um homem que, desdenhando as vantagens imediatas e faceis, mediu-se frente a frente com o que domina e nos ultrapassa inteiramente». Mallarmé nunca obteve, nem procurou triunfos ruidosos e lucrativos. Chefe e guia da geração simbolista, e de quantos vieram depois, só pela entranhada paixão da poesia se impôs aos contemporaneos e á posteridade. Que lição inolvidavel legou! E como seria bom que a entendessem, se não seguissem, os apossados conquistadores do exito, que tudo lucrarão e desejarão, menos o respeito e a gloria do futuro.

JEUNE FILLE DANUBIENNE

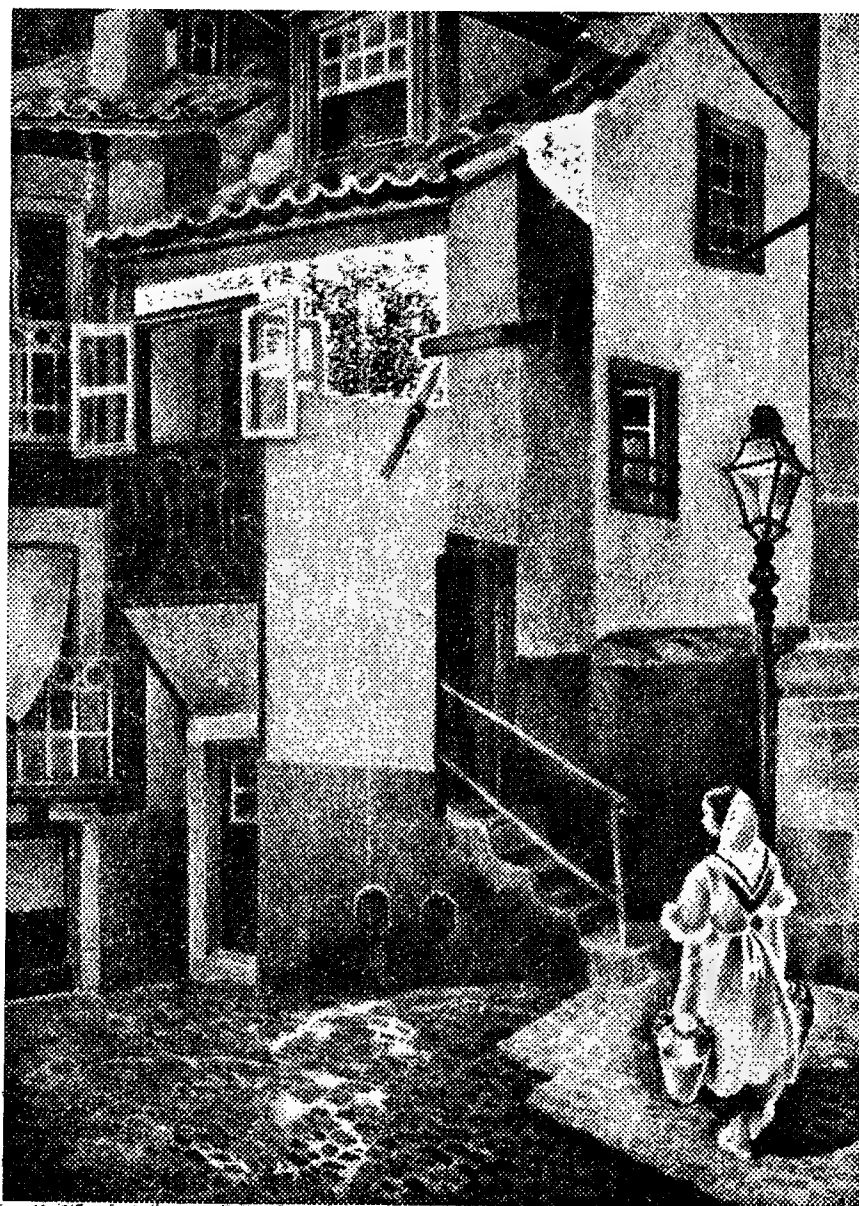
Elle était si pauvre, si belle,
Tellement lointaine
Et si proche,
Avec son menton griffé par la garigue
Et son petit tricot à la foi intime et extérieur—
N'ayant qu'un bouton sur une poche
Pareille à la voile d'un brici,—
Que je n'ai jamais vu rien de semblable à elle,
Ni rose ni reine,
Et que j'ai peur qu'elle s'en aille,
J'ai peur...

Je ne l'aime pas d'amour,
Je ne suis point épris;
Et c'est la première fois que ça m'arrive,
Moi, que n'ai-je aimé, mon Dieu, tout autour
De mon coeur, grain d'avoine à l'aire vide du monde!
Que n'ai-je aimé à la derive,
Comme la mer enceinte, et moi son fétus sous une onde!
Tellement simple, tellement dénuée de toute sorte
De charmes, brune et drue,
Les mains au dos comme une fillette à la porte...
... Mais je ne la vante nullement
Ni ne la chante non plus.

Ce chien qui tant aboie;
Ce petit grillon, fil de la nuit;
Ce collège écossais tout étouffé de roses
Au Plan des Quatre Seigneurs
(La Trinité, peut-être, et Dieu en plus),
Tout cela me nourrit,
Me guérit et repose
En cette jeune fille—au loin, danubienne;
Comme les autres, ici.
Tout cela coule comme le sang dans une veine;
Et ces vers même, si misérables,
Qu'ils vont bien
Avec ce bonheur incapable
De s'exprimer autrement!

(De «La Voyelle Promise»—Poemas de

VITORINO NEMESIO



RUAS DE LISBOA, desenho de Jorge Barradas



Quem não conhece «Le Lys Rouge», o celebre e cativante romance de Anatole France? E quem, tendo-o lido, alguma vez esqueceu os personagens mais ou menos estranhos, que fazem de comparsas, quasi de coro, em torno da violencia do idilio tragico? Chaulette, o principe Albertini, Miss Bell, tocados de vaga e doce extravagancia, pittorescos e simpáticos, humanos na sua indulgencia perante o espectáculo do mundo, singularissimos nas suas manias e preconceitos de artistas ou de estetas. Pois morreu agora—diz-nos João Luiz Vanderzer nas «Nouvelles Littéraires»—a senhora inglesa que serviu de modelo á suave Miss Bell. Chamava-se Vernou Lee, e viveu, como a poetisa do romance, em Florença, que apaixonadamente adorava. Era uma pre-rapossita, fantasma da epoca morta em que os tecidos Liberty, as doutrinas de Ruskin, e a «Primavera» de Botticelli fascinavam as almas liricas. Desaparece aos oitenta anos, supomos que serenamente a não muito queixosa da vida. Nunca obteve a gloria literaria—Vernou Lee foi realmente escritora—que talvez ambicionasse. Mas não lhe bastaria afinal, a fama universal de Miss Bell, para sempre inscrita e fixada nas paginas imortais do «Lys Rouge»?



Um escritor escotista... conta «Le Temps» que o jovem Guy Krogh, cronista duma viagem de «boy-scouts» á volta do mundo, revela tais virtudes de estilo e elegancia literaria que bem pode considerar-se um verdadeiro prosador. Mas exagera na concisão:—em trezentas linhas condensa os acontecimentos, impressões e factos duma travessia de quarenta mil quilometros! Para nós, o caso é digno de ser admirado. Tanta gente dilui em milhares de palavras temas ou imagens, aspectos ou saudações que facilmente caberiam em meia duzia de frases, que reconforta ver num rapaz de dezasseis anos—tal é a idade do sr. Krogh—culto acendrado, e allás exagerado, pela modestia e simplicidade de expressão. Passou o tempo dos adjectivos. Nem a mocidade lhe dá importância. E talvez seja esta a unica lição aproveitavel do nosso tempo passado, que não consente divagações e retóricas...

ESTORIL PALACIO HOTEL

Desconto de 20 % sobre os preços de quarto e pensão durante os meses de maio e julho.

Tratado Teórico e Prático do Notariado

PELO
DR. AVELINO DE FARIA

Publicação em Fascículos mensais
pedidos

À Redacção da Revista do Notariado
e Registo Predial

Rua Nova do Almada, n.º 64, 1.º — LISBOA

Leiam ás quintas-feiras o jornal humorístico
«O SEMPRE FIXE»

UM CONTO POR SEMANA

O burro do senhor seu dono

por AQUILINO RIBEIRO

Depois de explicar que a «sua patroa» ia cozer uma moenda de centeio, com gesto revestido de afabilidade mas que não deixava de denotar a importância que se atribuía, deu a palavra à parte. Era um homenzinho baixo, picado das bruxas, tês acobreada, barba rala de quinze dias, os cabelos sujos a calrem-lhe em debrum sobre a goia do jaquetão. Trazia uma sorte de pingalim rolado no braço e a cinta falz. preta de muitas voltas. Segundo as suas declarações fazia trinta anos para as cerejas, era nado e morador em Alvite e bufarinheiro desde que lhe pintou a barba. A seu lado, em guisa de comitiva, viam-se cinco homens, quatro de capucha e um de gabinardo, tão amplo que apenas pelo cabeção de volta de borracha se reconhecia debaixo dele o tounsurado.

«A feira tinha estado fraca, de modo que á volta do meio-dia desbarvorou para casa, tupa-tupa, e em me-nos de nada avistava os picotos de Segões, que era onde se acaba o vale e começa a serra. Foi ali que topou com o demonho do jerico, desorelhado pela torreira, sem cabresto nem atafais, coberto de quantas mósas ha em sete leguas. Ao simples chapejar do seu sapato tropicava pelo caminho fora que era mesmo um regalo vê-lo na-quele passo de cansa.

«Já que vais tão lampeiro, deixa-te ir — dissera con-sigo e com o Santo Anjo Custodio — que pelo fito que levás é tão certo seras de Segões como eu chamar-me José, filho de Manuel Balatroco, que Deus haja, morto com os noventa anos a migar a tijela das versas. Para te arretar, ficas a esta danação de sol, que só não derrete as codornizes porque têm mais penas do que unto e se até a noite o galinácio dum cigano te não bifarem ao dono, arriscas-te nécio e pequenote como és a caíres no papo dos lobos que se pelam, sempre ouvi dizer, em-bora não fôsse a nenhum doutor, mais por bife de burro do que por coxa de carneiro. Paladares são paladares! Mas, também, se te deixas seguir e rompes por aí o dono daigum atafio ou alma de má fé, á-dei-rei que te vou a tanger, te levo roubado, quando eu nem arre te digo por entre dentes. Cruz diabo!

«De orelhas em riste, sempre em frente, no seu chouto, lá bota a bestinha até Segões e ele ao primeiro manata que encontra pergunta: ó patrãozinho, dá razão de fi-lhote da terra ou recoveiro que tenha perdido a caval-gadura?

«Não, senhor — que lhe diz — não, senhor — que lhe dizem pelo pov' arriba quantos consultou. É o raio do asno tupa, tupa pelo caminho fora, ao simples cha-pejar do sapato, como se ele fôra o dono ou levasse moia dentro a puxá-lo.

«Pois já que vais com a mósca, deixa-te ir — acabara por assentar. Não sendo de Segões, era pela certa certeza do povo adiante, Soutosa lhe chamam. Qual, também não era dali o mafarrico! Bem coçava a nuca, meu san-to que fazes, que farás, nas duvidas deixa-se ir junto com o jerico até Alvite, sua terra, e aí, com dó dele, acomoda-o á mangedeira. Era homem pobre, como o outro que diz, filho da fortuna, neto da extravagancia, mas não havia ninguém por aquelas redondezas, desde a Régua, onde se ia fornecer, até o Castro, onde levava a veniaga, capaz de afirmar que procedera por sanca-dilha. E se houvesse, senhor juiz, fasia-o num Cristo!

E era tão sentida a indignação do Balatroco que as quatro côcas pretas despeçando-se da sombra do burel, proferiram patéticas:

«E' homem pobre, mas honrado, senhor juiz!

Estimulado pelo testemunho dos paroquianos, P. Ma-nuel, cara sardenta, nos olhos gaseos e pequeninos uma fumarola verde, ao mesmo tempo pastor de almas e che-fe político, acrescentou que se podia confiar oiro moido daquele rapaz. Amigo de o ganhar, sim, mas em nego-cios direitos como vara de guilão. Perante a defesa calorosa, sorrindo bem disposto e convicto, o senhor juiz ergueu a mão grossa, robustecida nas pedreiras das suas vinhas e mais lides de lavrador, a dar sinal para que continuasse aquela pomba de vendilhão.

«Soubesse pois o senhor juiz que se acomodara o burro debaixo de telha fóra com a tineta fígada que mais dia menos dia o dono lhe entrasse pela casa dentro, a de-satar os cordões á bolsa:

«Seu Zé Balatroco, vamos a contas. Quanto devo pela pitaça do asno?

«Então não era para isso, havendo ele deitado ban-do por toda a corda de pov', desde montes do Paiva a chãs do Tavara, a anunciar burro perdido? O dono dor-mia como pedra em poço; tinha culpa? Ora, vem a feira de ano de S. Francisco, em que entra tão grande caterva de burros com seus burriqueiros que não podem ser mais os doutores que ha em Portugal, e ele no afincio de restituir o seu a seu dono vai mostrá-lo para o largo em que esta casta de irracional: se compra e vende. E andava já um sujeito que ali apareceu a passeá-lo para ver se ao trote ou ao galope acertavam chamar a atenção do legítimo proprietario quando duas maná-polas, mais largas que as pás do forno e a bocarra que ali viam — e com o dedo em baloneta apontava um homenzinho que ali estava á desbanda a arreganhar a tacha de desdém pelo que ouvia, rosto como se encon-tram apenas nos pórticos das velhas igrejas, olhos grandes ramelosos, comico e triste ao mesmo tempo, pária e incutindo certo ar de confiança — se abre e fe-cha a bramar:

«Larapio! Rei dos larapios!

O Balatroco apenas retrucára:

«Larapio eu, filho de meu pai? Se serve de Deus

furta laranjas, oíhe que em minha casa não encontra um alfinete que não se possa chamar do velho. A aze-mola é sua? Ai a tem, mas ha de pagar a ração de seis semanas que a tanto sobe o tempo em que pasta do que é meu. E nem fum ram fum e meio; quem quer não os deita á margem!

«Larapio! larapio! e atira-se a ele como cão de fila. Valeu acudir gente quando não um dos dois estava a fazer tejo áquela hora. Mas o alma de cantaro velho não contente de o enxovalhar, rasgara-lhe a roupinha nova que acabára de vestir. Orçadas as contas, não era demais que desse cinco rasas de centeio pela manuten-ça do burro e três metros de serroboeco pela fatiota. Ai tinha o senhor juiz, e negrinho ele fôsse como os ti-gões do inferno se não falára a verdade, a puríssima da verdade!»

O juiz quedou-se a abanar a cabeça, não se sabe se aprovador se apenas comovido, enquanto o Balatroco se afundava no gabão do abade a limpar uma lagrima. E cuspinhando ás mãos, quer no jeito de Pilatos, quer em sinal de esforço que lhe exigia o prosseguimento da audiencia, formulou em tom solene para a outra parte:

— Alexandre Saramago, que tem a dizer da sua jus-tiça?

Deu Alexandre Saramago, de Aldeia Nova, dois passos á frente, na attitude de galo que vai lutar. Cinquenta invernos com fome. O seu oficio era carretar o leite de casa dos lavradores para a desnatadeira do Castelo e, á volta, bufarinhar a sua canastra de sardinha pelos povos. Não tinha ali outros caudatarios além da mu-lher, ainda mais triste e apoucada do que ele, do irmão, baixo e barrigudo como pote, e de certo magrizeira, vin-



te anos com pelo de rato no queixo, que era da sua terra e estava ali de soldada numa casa de lavoiira. A voz do Saramago era chorada, de rezador do bendito, e guinchada nos pontos capitais.

«Soubesse o nhor juiz que a sua vida era andar ao leite com um burrico, o burrico que lhe quizera roubar aquele mau homem...

«Se lho queria roubar ou não, está para se vêr — atalhou o juiz cheio d' majestade. — Diga o que tem a di-zer, mas não bote juizos no ar. Para sentenças cá es-tou eu.

«Quería-mo roubar, senhor juiz, queria-mo roubar! — exclamou com veemencia o Saramago, depois dum ápice de aparvalhamento.

«Adiante, homem, adiante...! — tornou o juiz, acen-tuando, no tom da voz a sua proverbial paciencia.

«Pois não r' queria roubar...? Vá ouvir, senhor juiz, vá ouvir. Saberá que ando ao leite entre Castelo e Aldeia Nova. Ando ao leite com o burriquinho...

«Já se sabe que anda ao leite com um burro. Ande para a frente. Tenho uma poça de agua para deitar. Perdeu o burro faltou-lhe, como foi? Diga...

«Perdi-o, ah não! Não! Ouça o senhor juiz: eu vi-nha do Castelo com os potes do leite vazios, quando arriba da Corujeira, ao atravessar a sombra dos souts, o corpo me pediu sesta. Caia uma caloraça que o chão deitava lume. E, vai, tirei o aparelho ao animal que parecia tão agravado como eu e, assim, espontanea mais a seu gosto as ervas e estevas que para ali crescem á desmedida. Deitei-me, o burro era um borrego, a mam-sidão em pessoa, tanto mais que lhe haviam cortado os vícios de novinho, e pus-me a olhar para o fundo do chapéu que era de palha e tinha prantado decima da cara por causa das moscas. Ora, dali a menos de avé-maria, dormia como um justo. Acordei com o sol na testa a queimar que nem brasa; boto olhos em volta, burro que é dele?! «Tu irias para a loja, alma de Bar-zabum?» Esta classe de animais quando lhes dá na ca-chimonia para fazerem pirraça ao amo metem como seta para a estrebearia refazendo o caminho, estejam lá onde estiverem, que nem que fossem a apanhar no-vêlo desenovelado. As pégadas lá iam, que eu bem as distinguia, ora na areia fôfa, ora na testeira das ter-ras que roçam o caminho, mas aí, de mistura descobri uns pezorros largos, compridos, espalmados, a dizerem pelos sinais pertencem a sujeitinho que rompe da mái, caído de todos aqueles que nasceram nas palhas como eu.

Nesta altura todos os olhos, e até involuntaria e in-convenientemente os olhos do senhor juiz, incidiram

sobre os pés do Zé Balatroco. Estava ele descalço e a todos pareceu que a descrição da parte lhe assentava bem. Envergonhado, o Balatroco deu um passo á recta-guarda, no proposito reflexo de furta os pés á indis-creta curiosidade; e sendo impossível fazê-lo, continuando ao mesmo tempo de corpo presente, alçou uma per-na para traz e firmou-se na outra como os gangos á beira dos charcos. A manobra, porém, não escapou ao Saramago que, apontando com o dedo fura-bolos, de-satou a arrifar e a rir num jeito que pareceu mal a toda a gente:

«... aqueles, senhor juiz, ah, ah! em carne e ossos...

«Deixe-se de moganguices e ande para a frente, ho-mem! — bradou o senhor juiz com brusquidão. — Não repara, seu diabo, para quem está a falar, mas eu in-sino-o.

«Descubro a rasteir: daqueles pézorros — prosse-guiu, humilhando a voz, o Saramago — e digo para os meus botões: «Raios, estou roubado! Cá vai o sendeiro e cá vai o ladrão. E-te bem feito, burro, mais burro qu' todos os burros juntos para que te não botasses a gozar a sesta que é iguaria para que não foste criado. E's fidalgo? E's abade? Toma!» Ali me chorei, ali me agadanei porque o jumento era o meu ganha-pão, mas com esbagoar-me e carpir-me podia derreter as pedras mas não demover o gatuno de levar o que não era seu. E tratei de me pôr em campo. Escondi as la-tas do leite num giesta e fui pelo trilho do burro o do roubador tão rapido quanto me permitiam as gam-blias, que não são trôpegas. Andei, andei, mas por mais que alongasse a vista pelo caminho fora, não avistei ninguém. Como se este larapio, sabendo-a toda, não tra-tasse de picar!!

Enrugou-se a fronte do juiz e pigarrearam em sinal de colera Balatroco e compadres. Mas o Saramago tocou para a frente não se dando por achado:

«Fui a correr como um perdido até a cruzilhada dos caminhos que metem para Barreiras, Segões, Covêlo, Feva. Ao longe, nada do nada. Rasto ali não havia meio de o destrinçar com o calçadão variado de França e Araganga. Demais a mais o monte estendia-se á mão direita e por ele fora, encorçado de mato galego, mor-diam todos os passos. Salto a Segões; ninguém me sabe dar razão do asno e do marloia que o levava, embora preguntasse em vendas, no ferreiro, no forno, a velhos e novos, de foz em foz. Veja agora o trampolinheiro, se-nhor juiz! Que diga a quem falou no povo de Segões... que diga!

O Balatroco, avançando, declarou em voz tremula de raiva:

«Falei com uma velha que andava a bochechar o cebolo. Não lhe sei o nome, porque o meu corrume não é para tais bandas. Mas era baixota; trazia o lenço atado na cabeça, tamancos de testearas...

«... tinha dois olhos na testa, boca acima do nariz — interrompeu o Saramago com sarcasmo — e era a mulher do Vargas da Viçeira. Deus te dê o que te falta que é o fole e mais a galta!

O senhor juiz de paz, ao tempo que baixava o so-brolho lançando, dava uma formidável estocada no ar porque não dispunha de mesa para descarregar um murro. E cominou com voz de trovão:

«Alexandre Saramago, se falta segunda vez ao res-petto que deve á autoridade, malha com os ossos na cadeia!

Encolhendo-se como o caracol na concha, respondeu o Saramago:

«Saiba o senhor juiz que se não podem ouvir certas baleias sem se revolver o estomago á gente honrada. Este piranga esteve tanto no povo de Segões como eu em Alemanha. Mas vá ouvir... Salto a Segões, nem o mais leve vento do arimal; chego a Covêlo, cum menos probabilidades de caçar ali o melro, pois é terra que fica nos meus arredores, e não sou melhor sucedido. No dia seguinte mando a mulher com os leites em caval-gadura de emprestimo e continuo na batida. Não houve almuinhas nem azinhagas á beira Paiva a que não fôsse; dou volta a Soutosa, a Lamosa, a Quintela, a Lapa, a Ceca e Meca e Olivais de Santarem e não hou-ve mais fumos dele. O jumento sumira-se como trago no ar. Que entrara para o conceito de Moimênta não oferecia duvidas; mas com semelhante certeza não es-tava mais adiantado. Agora Alexandre — disse para com os meus botões — burro só responsando a Sant'An-tonio!

Neste passo esboçou o Balatroco nova investida con-tra o acusador; P. Manuel, porém, interpôs a mão sa-puda dizendo com autoridade:

«Em boa mão jaz o pandeiro.

«Passante coisa de cinco semanas — reatou o Sara-mago — avisto-me na Vila da Rua com meu cunhado Luiz Licranço que casou em Sever e me diz: «Sabes quem eu encontrei na encosta de Mondim a puxar pelo rabeiro um bonito russilho, quatro anos, jarrete fino, orelha de lebre? O Zé Balatroco, de Alvite. Conhe-ce-lo...? Um jogador de faca, magano de alto bordo, que não tem onde cair morto, mais ladro que os ratos como é de lei lá na terra».

Santo Deus, que tal disseste, Alexandre Saramago! As côcas pretas moveram-se ameaçadoras e a ladrar fu-riosamente. O padre abriu o: braços, como quem planta uma vedação, a embargar o resalto daqueles tix e pro-feriu:

«A você, seu diabo, o que lhe vale é estar onde está.

Vêr continuação na 7.ª pagina

**Dez minutos
com****Menezes Ferreira**

Menezes Ferreira é o homem de 1914. O homem que foi a guerra, que purificou a sua alma no fogo e no sangue forjando como tantos, na consciência do mundo moderno.

Enquanto a rectaguarda, zona negra de interesses e de protérias, se decompunha, levando a vida a intensidade máxima da satisfação dos instintos os da frente, enterrados na lama das trincheiras, serenamente heróicos, convivendo com a morte, vendo-a serenamente chegar, expurgavam-se de todas as pequenas misérias humanas, reforçando o seu idealismo. Regressaram mais ricos de experiência, com um idário novo de fraternidade trazendo na alma, dilatada pelo horror da emoção, os germes ensanguentados duma literatura mais verdadeira mais próxima da vida. Um deles foi Menezes Ferreira, capitão em Armentières, um como tantos, que foi até ao fim, terminando em África as suas campanhas da grande guerra. Menezes Ferreira embora muito cedo, tivesse começado a escrever, só se revelou um escritor, quando, numa pequena novela *O Fuzilado*, traçou um quadro intenso, pequeno incidente do drama fabuloso que foi essa hecatombe. Escreveu-o por necessidade, como uma testemunha, a quem a verdade estrangula. Depois foi a sua famosa série de livros ilustrados por ele próprio: *João Ninguém*, *Soldado da grande guerra*, estranho documento de sensibilidade, onde o artista e o cronista se completam admiravelmente; a *Viagem Maravilhosa*, estrelas e oceano, que Sacadura Cabral e Gago Coutinho reuniram de novo na carta luzida do globo, e esse *Conto de Natal*, atapetado de neve, que ainda não acabou, na imaginação das crianças, na ronda dos Natais, que não de vir.

Menezes Ferreira abomina a literatura. Escreve, sem efeitos, humanamente. Daí a pureza da sua emoção.

—Porquê?

—Escrevo com naturalidade o melhor possível a minha língua, até mesmo com grotescos gramaticais como Pio Baroja.

«A frase, o estilo, o efeito sufocam-me. Já se lá descobrir uma alma, uma sinceridade sob todas essas tufadas e pesadas roupagens. O que é preciso é escrever, como a emoção nasce sem adjectivações: esses diques da prosa dirigida, intelectualizada».

Numa palavra: fazer literatura, sem literatura.

—Tem alguma obra?

—Vou fixar-me definitivamente nas letras. Tenho dois livros: um, os *Velhos Aliados*, de colaboração com a escritora inglesa mistress Devereux, colaboradora do *Times*. Deve resultar interessante. Ela, que esteve muito tempo, entre nós, escreverá de Portugal e eu, que conheço a Inglaterra, do seu país. O livro será editado em inglês e ilustrado por mim.

—E o outro?

—Chama-se *Itinerário*. É um romance. Os últimos trinta anos da vida lisboeta. Tenho ainda um terceiro, de resto por escrever, que se chama *Companheiro de Armas*. É um estudo de carácter inglês, género Mauros, feito por um temperamento latino.

—Quais os escritores que mais admira?

—Barbusse, Dorgeles e Guillaume Apollinaire. Dos portugueses, Pina de Moraes, com o seu *Parapeito*.

Aí está um que a guerra revelou escritor, até mesmo orador.

Poetas modernos**CARTA DA CIDADE**

Minha amiga distante: Quem me dera aceitar o convite que me fazes, ir respirar o fim da primavera sob os últimos cachos de lilazes.

Quem me dera fazer o que desejas, Meter-me no comboio um destes dias e partir à procura das cerejas, dos morangos, do mel, das romarias,

de tudo o que é da terra e cheira bem, do pão loiro de milho e de centeio... Sem receber visitas de ninguém, ir eu mesma buscar o meu correio!

Ai, quem me dera, pelos campos fora, pisar a terra em flor do meu país, ouvir cantar a fonte, o açude, a nora, como nos livros de Júlio Deniz.

Andar atrás das borboletas brancas, perseguir à noite os pirilampos, poder dormir sem chaves e sem trancas, saborear a doce paz dos campos...

Ai, quem me dera seguir as ovelhas, beber o leite perfumado e morno, e em frente às chamas, altas e vermelhas, abençoar o pão que sai do forno.

Respirar de joelhos, junto ao chão, o cheiro das estêvas, do tomilho, e respeitar o leite, o vinho, o pão, o linho, o sôbro, o mel, o azeite e o milho.

Quem me dera comer o queijo e a broa sem pensar nos mistérios do infinito como qualquer humilhada beirada no seu pobre casebre de granito.

Quem me dera subir aos altos montes como, atrás do rebanho, o seu pastor, matando a minha sede pelas fontes e a minha fome pelo campo em flor.

Quem me dera sentir a moleirinha que cheira a sol, a pão, a claridade, e tem na cara nódoas de farinha em vez do pó de arroz cá da cidade.

Mas não posso, acredita... E' sempre assim. Mais tarde hei de tentar... Lá para agosto irei colher-te as flores do jardim que regaremos juntas, ao sol posto.

Agora, vou findar... Um grande abraço. Recados à Rosalia do Mateus e à trepadeira azul do meu terraço... Minha amiga distante, adeus! Adeus!

ALMA QUE DESCONHEÇO

Alma que desconheço, não és minha. Chegaste a mim já triste, já cansada, Vinhas de longe, exausta da jornada, eu recebi-te em mim, dei-te o que tinha.

Agora, alma de alguém que antes de mim nasceu, morreu, amou e foi amado, ando a expiar Deus sabe que pecado, nesta ansiedade a que não vejo o fim.

Alma, porque vieste? Quem te ensina de não sei que distante, inquieto mundo, a amar tão sem remédio, a amar tão fundo? Quem me talhou no céu tão dura sina?

Quem me deu esta imensa nostalgia de terras ignoradas, céus distantes? Onde vens, alma ansiosa? Que eras dantes? Porque ha tristeza na minha alegria?

Onde vens à procura de guarida? Qual foi, antes de mim, o teu caminho? Porque vieste um dia fazer ninho, como um passaro tonto, em minha vida?

De que morte nasci? Que vida em flor foi preciso cortar para que em mim, como florescem rosas num jardim, florescesse o meu canto, a minha dor?

Quem morreria? Um pecador, um santo, uma virgem sem culpa, um aventureiro, um mendigo, um soldado, um caminhaireiro? Onde a raiz de que nasceu meu canto?

Como e quando? Porquê? Onde e por onde? A minha voz diluiu-se no infinito... Não é digno dos céus o humano grito... Silêncio. Tudo em vão. Ninguém responde.

ANSIEDADE

Olho e não vejo como toda a gente. Falo e não sei dizer o que é que sinto. Fala por mim, contudo, a voz do instinto, a que não se disfarça, a que não mente.

Não há bem nem há mal que me contente. (Mal e bem, que intrincado labirinto...) Se nem eu própria sei quando é que mintos... Não sou boa nem má: sou diferente.

Achar bastante a vida, ai, quem pudera! Chuva no inverno, sol na primavera, pão na seara, rosas no jardim,

prantos na dor, sorrisos na alegria, pedir a Deus o pão de cada dia, Ai, quem me dera, quem me dera a mim!

Fernanda de Castro

(Do livro *Daquem e dalem* Alma recentemente publicado pela Editorial Imperio).

POMBOS CORREIOS

● Almada Negreiros vai iniciar a publicação duns cadernos mensais, com o título *Sudoeste*. O primeiro será preenchido com o seu anunciado manifesto: «Arte e a Política».

● Guedes de Amorim tem muito adiantado um romance que se denomina: *O Homem da Rua*.

● O dr. Campos Lima vai publicar um romance social que se chamará *O Crime*.

● Aquilino Ribeiro entregou já, na livraria que habitualmente o edita, todo o original da *Alemanha ensanguentada*, segunda parte do livro *E' a guerra*.

● O sr. dr. Mota Cabral tem prontos dois volumes, intitulados: *Arco da Velha e Taralhada*, novelas e descrições do Ribatejo.

● O jornalista Alfredo Marques está escrevendo um romance que terá possivelmente este título: *A comédia do amor*.

● «Dos Prelos», interessante boletim de novidades bibliográficas, editado pela Parceria Antonio Mario Pereira, publica no seu ultimo nu-

mero, uma elogiosa referencia ao nosso Suplemento Literario, que gostosamente registamos e agradecemos.

● Faz agora trinta e cinco anos que morreu o notavel comediografo e romancista Gervasio Lobato. Todas as suas obras, chegaram até nós cheias de frescura e de espirito. Uma, porém, merece ser assinalada: *Lisboa em camisa*, que é, sem duvida, um modelo precioso de critica, de graça e de ironia aos costumes lisboetas.

● A Academia Francesa festeja no proximo mês de junho o seu tricentenario. Projectam-se grandes solenidades. Em 17 de junho realiza-se na capela de Sorbonne uma missa, pregando Baudrillard. Nos dias seguintes inaugura-se uma exposição da Academia, recepção no Elyseu, pelo Presidente da Republica, dos academicos; sessão solene «sous la Coupole», jantar de gala, etc., etc.

● Um editor escrupuloso. Trata-se dum editor francês que querendo traduzir para a sua lingua um romance inglês, recheado de argot, in-

seriu um anuncio nos jornais, pedindo um conselheiro tecnico, isto é, uma pessoa que conhecesse a linguagem falada nas prisões e nos *bas-fonds* ingleses. Apareceu-lhe um excelente, condenado varias vezes nos tribunais ingleses, como ladrão.

● O sr. Eduardo Noronha publicou agora, na colecção dos cadernos coloniais, uma interessante biografia de «Freire de Andrade».

● O romance *Direito de Amar*, do sr. dr. Campos Pereira vai ser brevemente traduzido em tcheco.

● Livros portugueses que se venderam mais durante a semana: *Consultorio Psicologico*, de André Brun e *A guerra no sertão*, de Lapas de Gusmão.

● Alberto Serpa vai publicar um livro de poemas, com a legenda: *A arvore do bem e do mal*.

Livros franceses: *Le Portugal*, de Paul Descamps e *La execution du plan de travail*, de Henri de Man.

● José Regio está escrevendo um ensaio critico da obra de Antonio Boto.

GEOMETRIA DE IMAGENS

A literatura planificada pelo cinema

"écran" amplificador dos grandes livros da humanidade

O cinema deve á literatura, por enquanto, a maioria dos seus triunfos.

Trazendo sobre os ombros o peso dos conhecimentos técnicos, que hoje formam uma complexa ciência sempre em evolução, e principalmente as responsabilidades financeiras duma arte cuja realização é caríssima, o realizador de cinema aproveita em geral o estudo humano já feito através da literatura. Filtra-lhe, é claro, a ganga mais caracterizadamente literaria, junta-lhe uma dose maior ou menor de espirito cinematografico, e procura tirar novos efeitos pela tecnica e pelo ritmo, quer de acção quer de imagens. Reduz-se, portanto, á situação de um maestro a orquestrar e a interpretar uma partitura de outro.

Geralmente o realizador quando não é apenas um bom tecnico, e um artista plastico e não tem preparação intelectual para abranger as três grandes bases de cinema: a mental, a plastica e a tecnica.

Se a base tecnica não deve ir mais longe do que servir a plastica, esta não deverá senão servir a mental. Não sendo a mental originariamente cinematografica logo o cinema passa á situação secundaria, como a de qualquer peça de teatro baseada num romance de successo.

Assim, o cinema tem prestado a sua grande homenagem aos valores de as obras, desde Dante a Gorki, desde Homero a Pirandello.

Temos, porém, que concordar que, nesta vitoria da mentalidade cinematografica, ha muito de espirito comercial, o que depõe mais ainda contra o estado actual desta ultima. Sim, não é só preto de admiração. Aproveitando um romance celebre, o publico é atraído para um espectáculo que vai fazer reviver, sob outro aspecto mais objectivado, uma obra que leu e que o fez chorar ou sorrir.

Mesmo até sem o ter sido, é curioso verificar-se que o publico prefere muitas vezes ir ver a adaptação cinematografica a ler o livro original de que conhece apenas de ouvido o titulo celebrizado. E' evidente que é também ainda neste caso o factor do prestigio literario que pesa e que vence.

Mas hoje prefere-se estar sentado comodamente num *maple* a ver desfilar cenas que foram arrancadas a uma obra literaria, a digerir mentalmente, isolado, na quietude de um gabinete, o proprio livro. Sob este aspecto o cinema vence a literatura e a venda do livro é prejudicada. E não é pelo preço, que é aproximadamente o mesmo, com a vantagem para a obra literaria que esta se compra e fica em poder do leitor para ser relida, ao passo que da noite de cinema lhe ficará apenas a memoria.

O cinema concorre assim, servindo-se de elementos originariamente literarios contra a propria literatura. As necessidades de imaginação, inerentes ao homem, são assim satisfeitas, como as mentais, as de beleza plastica, de emoção, de intelectualismo, ao mesmo tempo que as não menos respeitáveis necessidades de distracção.

Em contra-partida também a adaptação a cinema faz vender mais o livro adaptado, consagrando-o, o que é uma compensação.

Mas o principal desforço da literatura

contra a arte mais fortemente sua concorrente é ao fornecer-lhe a materia prima dos seus motivos. Assim a mais voluntariosa e triunfante arte de todos os tempos está ainda hoje inteiramente secundaria, a prestar vassalagem mental á literatura.

E' que a literatura tem tido sempre o raro poder de nos desvendar as almas e descrever as paisagens, de arrancar os problemas á vida, de fixar, de detalhar e analisar os pormenores humanos, as dores vividas, as alegrias estuantes. Não ha problema que não tenha devassado. E isto num treino de anos, em gerações e gerações. Logo que uma nova faceta surge, logo que uma nova epoca social assoma, logo também o romancista, sempre inquieto e sempre observador, se lança a colhê-la.

Eu julgo que esta vassalagem á literatura é um dos mais seguros sintomas de que o cinema ainda não atingiu a sua maioridade. Se 40 anos num homem são a sua plenitude, numa arte os 40 anos de existencia, embora com progressos vertiginosos, não correspondem senão á resolução do problema tecnico. Amanhã os campos extremar-se-ão. Um intelectual de talento poderá pensar a sua obra directamente em "cinema", achar-lhe-á os pormenores humanos e de observação logo com espirito cinegrafico e, em vez de se servir da pena e do papel como sendo os unicos meios de comunicar com os outros seres pensantes, o poderá fazer directamente através do cinema, servindo-se de tecnicos sob o seu comando, visto que o tempo que gasta na sua preparação intelectual difficilmente lhe sobrá para arranjar a sufficiente preparação tecnica num ramo tão complicado.

Assim o intelectual occupará directamente no cinema a sua devida posição e o realizador passará, da actual situação de senhor absoluto da orientação da sua obra, para a de tecnico propriamente dito, como a de tipografo ao compôr um livro com idéas que são doutro, ou um director de orquestra a interpretar uma sinfonia que não é sua.

Até ha pouco o nome do realizador era injustamente ofuscado pelo das "estrelas" que eles descobriam e celebrizavam. Ia-se ao cinema ver a fita da Bérline ou da Mary Pickford, sem se chegar a saber quem a tinha feito. Hoje vai-se muitas vezes ao cinema apenas porque a fita é de Fritz Lang ou de Pabst, embora com actores desconhecidos para nós.

Futuramente ou o realizador se intelectualiza ou será a "pena" de que o intelectual se serve para realizar a sua obra, sem se ver forçado a passá-la pela metamorfose literaria, hoje quasi que o unico meio de plastisação mental.

Neste sentido ha já algumas obras dignas de registo, em que o realizador é cumulativamente intelectual, artista e tecnico. Para isso, porém, raramente engendram "argumentos" originaes e, quando o fazem, falece-lhe geralmente a profundidade da observação humana e dão apenas obra especulativa e duma filosofia mais plastica ou intelectual que verdadeira.

E' verdade que existe a especialidade "literario-cinematografica" de "argumentista". Esta, porém, dum modo ge-

ral, limita-se a fazer argumentos baseados em obras literarias. Além disso, os americanos utilizam-na em geral num sentido muito diferente. Uma pelicula extraída dum romance faz sucesso e a empresa rival da produtora, ou muitas vezes esta propria, chama um argumentista e exige-lhe um argumento daquele genero, onde o conflito, as personagens, etc., são decalcadas e plagadas, para aproveitar aquele successo.

Assim só raras obras, "argumentadas" directamente para o cinema, têm triunfado.

Geralmente o realizador intelectualizado prefere utilizar uma obra dum espirito identico ao seu. A's vezes escolhe mesmo obras fóra do seu temperamento e pretende interpretá-las subjectivamente.

E' o caso de Pabst, o realizador que no cinema humano e realista conseguiu fazer uma "Rua sem sol" e um "Quatro de infantaria" com sobriedade e firmeza. Ao realizar a "Atlantida" e o "D. Quichote" sobrepôs a sua personalidade á de Benoit e Cervantes, objectivando-lhes as obras concebidas para a imaginação e para o sonho e que ele encheu de excelentes pormenores reais mas improficuos. Deu-nos uma "Atlantida" como ela realmente seria se fosse encontrada, mas a que falta pujança mil-e-uma-noitesca, onde reside a sua essencial beleza. O "D. Quichote" passou a ser no filme um foragido do Telhal com a mania paranoica dos livros velhos e com dissertações, genero Pinheiro Maluco, sobre a necessidade de proteger os fracos e as bealdades.

Os pormenores do doido estão bem achados e, tecnicamente, deu-nos uma obra perfeita.

Mas aquell' sêde idealista, proxima de facto da loucura, mas apenas por ser vizinha da tragedia e do ridiculo que existe em todos os verdadeiramente abrazados de ideal, essa desapareceu.

Portanto, a literatura domina ainda, apesar de tudo, no cinema. Mas também é bom notar que este tem influenciado a literatura, pelo menos certa leitura, tornando-a mais agil, com acção mais rapida, de cenas sincopadas e detalhes rapidos, curtos, incisivos.

Por tudo isto eu julgo que um dia virá talvez em que esta luta entre o cinema e a literatura se extinga e se limitem mais os campos. O escritor pensará o seu livro "em literatura" e escreve-o.

O "intelectual do cinema" pensará a sua obra "em cinema" e chamará um realizador apenas como tecnico, como quem chama um violinista para tocar e diz-lhe o que é que sonha por imagens.

Os dois unidos, o cerebral e o tecnico, o criador e o executante, farão a obra profunda de cinema mas do cinema puro independente.

Por enquanto o reinado da literatura mantém-se em todos os ramos intellectuais mesmo no cinema apesar da gloriosa luta dum Dreyer, dum Eisenstein, dum Dziga-Vertoff, dum Joris Yens, dum Robert Flaherty.

Dreyer e Eisenstein quando se não servem de obras literarias e tentam fazer cinema intelectual, servem-se de motivos literarios e principalmente do "espirito literario", como em geral fazem os compositores musicais para arranjar os "motivos" para as suas partituras.

O holandês Joris Yvens, o russo Dziga Vertoff e o americano Flaherty



ty, fogem em verdade bem mais da literatura e procuram surpreender a verdade, a beleza e a tragedia da vida directamente em *corp-a-corp*s com a natureza. Mas neles notamos que se preocupam com o realismo objectivo e embora conseguindo desenhar em traços sobrios e fortes os temas tratados, o fazem mais como documentarios propriamente ditos ou documentarios romancados, reduzindo o problema humano á sua luta fisica com a natureza e retirando-lhe quasi a sua qualidade de ser pensante e sensível.

Assim limitam o cinema restringindo-lhe as suas probabilidades que devem ser absolutamente latas.

O cinema, que por vezes tem atingido acuidades relevantes de inquétação intelectual, tem estado nos ultimos anos entregue quasi apenas á devorante preocupação comercial, que o está a fazer estagnar.

E' este um dos maiores factores que o faz utilizar em seu proveito exitos literarios que, postos em cinema de boa tecnica são, com certeza, exito de bilheteira.

Assim a literatura continua a vencer, mais por este lado, o cinema. Veremos o futuro.

ROBERTO NOBRE

RUTHER—Não é uma loção vulgar, é a seiva, o alimento dos cabelos. A' venda na **Drogaria de Vicente Pimentel & Quintans, Lda**, 194, rua da Prata, 196.

DIREITO DE AMAR

Romance de **Manuel de Campos Pereira**, autor de **Cabeças Loucas** (Novela, 2.^a edição), **O Drama de Rio-Belo** (Romance, 2.^a edição)

A seguir: — **ALMAS SEM RUMO** (Romance) — **A POBRE SUZANA** (Romance)

Pedidos á **Livraria Lello, Limitada — PORTO**
Livraria Aillaud & Lellos Limitada — LISBOA

FAUSTO DUARTE (o negro sem alma)

O autor de **AUÁ**

Apresenta-vos o sensacional documentario de costumes africanos e um caso estranho de magia negra.

Uma Edição da **Livraria Classica Editora**.

Um volume 10\$00

PANORAMA LITERARIO PORTUGUÊS

Campos Pereira

afirma que atravessamos uma fase angustiosa de crise intelectual

—Quais as características da actual literatura portuguesa?

—Não me parece possível, no estado de verdadeira hesitação, em que a nossa literatura hoje se encontra, definir-lhe características exactas. O que ha, por agora, é tristeza, pessimismo (frutos da época), e aquilo a que pode chamar-se «pantomimice literaria».

«E' ainda de notar o incremento que está tomando entre nós a literatura psico-analitica, mas trata-se de sol de pouca dura, como tudo aquilo que cai no abuso e, consequentemente, na estopada. São modas como a de Dekobra, de Pittigrilli, etc. Porém, nem isto pode ser considerado como característica da nossa literatura de hoje. São meros casos isolados a que tenho ouvido chamar «novos processos», quando a verdade é que já se usavam ha cem anos, e com exito, diga-se.

—Podem definir-se escolas?

—De forma nenhuma. Além do patente individualismo literario, não ha por enquanto valores para isso, ainda que sobeje a pueril basofia nesse sentido. E, a proposito de valores, não quero deixar de protestar contra a insuportavel vaidade de certos escritores, novos como eu, que têm apparecido a falar de catedra, como se fossem genios ou infalíveis mestres. E' um espectáculo desolador! E isto é edificante para se fazer uma idea do talento qu. vai por esta linda terra. Neste capitulo é que existem escolas, ou melhor, *igrejinhas* de elogio-mutuo que só degradam uma geração literaria. Vivemos numa época de «élites» falsissimas, forjadas á custa de simpatias e de influencias valiosas! E afinal, o necessario é que todos nós, os escritores novos, percamos, de uma vez, esse tremendo defeito do elogio facil e da auto-glorificação, tratando apenas de trabalhar modestamente, para que, mais tarde, possamos mostrar obra que se veja. Assim é que está certo.

«E' bom que nos lembremos que estamos todos, ainda, infinitamente longe da immortalidade... Se não produzirmos coisa muito melhor do que já temos produzido, convençamo-nos de que nada mais fizemos do que escrever cartas adocicadas ao leitor descendente...

(Continuação da 4.ª pagina)

Se não fosse pelo respeito que devo ao senhor juiz de paz havia de lhe arrancar a lingua e deitá-la a um cão.

O juiz que era possante passara a manápolo ao Balatroco que pinchava como sagui no intento de agredir o dono do burro. E para melhor o apaziguar dizia:

—Deixa o homem que ele terá o tróco.

Quando a algazarra serenou, o Saramago afoitou-se a despegar da sala da mulher, detrás da qual se enclincheara, dizendo:

—Haja de perdoar, senhor juiz, que não foi por mal; isto é um falar e dois entenderes. Eu estava a repetir o que ouvi de Lirango e a verdade manda Deus que se lhe não ponha capuz. Falar pela boca doutrem é um, e pela nossa boca é outro. Quem falava era o Lirango. Importa-me lá que os do Alvite sejam racionais e mais ruins que lacraus! Nem por toques nem por remoqueos quero daries e tomares com eles. De resto, a minha contenda é com este pardal: daí não passo.

Os vizinhos do Alvite mordiam os beiços e arruavam; o padre impoz-lhes mais uma vez silencio e o Saramago continuou:

—Sai-me com aquela o meu cunhado e acrescenta: «Não estou bem ao par do teu burro, mas não me admira nada que fosse aquele. Estive vai e não vai para lhe perguntar onde fôra desencantar a fazenda; mas como é má peseta, não se benzendo duas vezes para esfaquear um cristão, calei». Com os devidos resguardos, senão o malandrin era capaz de impingir a bestinha para longe e até deitá-la por um barrocal abaixo, pus-me á coca. Onde tu não faltas é no mercado do ano do S. Francisco — clemo comigo. Vem o dia, lá vou eu, lá espero, lá esperto até que obrigo o homem a distancia sem que tenha bato da minha pessoa. Lá jumento trazia ele, mas parecer-se com o meu não parecia. Achava-o mais arrepiado do pelo, ainda que tosquiado, como bicho afeto ás pançadas da fome; figurava-se-me de orelha murcha, orelha do jumento que dorme a andar, dorme a comer, dorme a zurrar, e é pecha dos anos, quando a orelha do meu era fina como coral; não tinha rabo e o do meu, caramba! lembrava um espartilhador. Afirmei-me, tornei-me a afirmar, não era o meu jericó. Mas rompe ali um eiganorio de peito feito, ao que se me

Campos Pereira é um romancista da escola nova. Embora inspirando-se no melhor realismo e analisando implacavelmente os caracteres humanos, a sua obra vigorosa marca uma reacção salutar contra os casos morbidos que pejam a nossa literatura. E', pelo menos, um escritor em plena autonomia, sério no que faz, sem artificialismos a mascarar uma inépcia mental, para quem o assunto maximo — é a mulher. O seu «Drama de Rio Belo» denso, intenso, por vezes, angustiado, revela um construtor forte de tipos, dominando, por completo, a difícil tecnica do romance. As figuras desenhavam-se em linhas precisas, com um conteúdo cheio de substancia, os ambientes estão bem marcados, e a progressão da intriga é rapida, fulgurante no seu combate de almas e de corpos. O Direito de Amar, apparecido ha pouco e que obteve um exito invulgar de livraria, classifica-o como um dos nossos melhores escritores.

Neste depoimento, Campos Pereira, com uma nobre coragem, toca alguns pontos neurálgicos das letras portuguesas.

—Pessimismo...

—Diga antes realidade... Não se perca sobretudo o sentido das proporções, que tanto mamarracho já ergueu. E' certo que o papel suportado, como tem suportado, mas eu que posso protestar porque posso, não quero deixar de o fazer neste momento, para que se ponha freio a este autentic logro. O publico, que é ingenuo mas que sabe o que é bom, lê os elogiosos palavrões, vai comprar os livrinhos dos laureados, e diz, como já tem dito: «Mas então... é isto o que ha de melhor? Meu rico dinheiro!»

«Esse desabafo anda na boca de toda a gente.

«Onde vamos nós parar? Quem tem valor, esconde-se, porque é esse, até, uma característica da sua existencia; e, quem o não possui, sabe esconder-se com as necessarias amizades, e apa-rece-nos depois, flamante, como um Damasco ridiculo, de flôr ao peito, a usar do talento que lhe emprestou o Maia...

—Rejuvenescimento ou crise?

—Crise agudissima, a meu ver. Em quantidade, não. Suponho que nunca se escreveu tanto e com tão inacreditavel desprezo pelas responsabilidades ou, até, pelas proprias faculdades mentais. Porém, com relação a qualidade, a crise é evidentissima. Quem o não afirma, é porque desconhece o que se tem escrito. Começando por mim, para não haver equívocos nas minhas palavras, não ha nenhum

autor novo que passe de promessa.

«Isto não é blague. E' uma tristissima verdade. E se não, olhe-se para as estreias que surgiram durante o século XIX... Eça, Antero, Oliveira Martins, podem servir de exemplos, quanto a Portugal.

«A actual benevolencia é espantosa! E quem sofre é a palavra «escritor», que anda por aí (coitadinha) pelas ruas da amargura, sem falar dos pomposos adjectivos de que sempre a precedem... Hoje, todos os que escrevem e que têm as costas quentes, são illustres, notáveis, etc. Neste capitulo, uma verdadeira miseria!

—Com effeito...

—Mas... voltando ás pretensas escolas... Citam-se hoje, por exemplo, Marcel Proust e André Gide (sem querer falar de Doistoevsky), como semeadores da moderna literatura portuguesa. Tal dislate chega a irritar pela ingenuidade ou pela cegueira. Já não me refiro ao temperamento português, em manifesta contradição com tais processos e finalidades, parecendo-me, no entanto, que não seria demais, olhá-lo com atenção e intelligencia. Refiro-me, sim, ao ponto mais alto do sentido da vida, que deve ser outro e bem outro.

«Dizer-se também que a obra de Freud é o seguro germen de uma nova corrente literaria, ou então, letra morta para a literatura, parecem-me dois exageros. Em Freud encontram-se certos aspectos a que o escritor não

pode ficar alheio, nem o publico. Isto é exacto. Veja-se o retumbante exito dos livros de Zweig e de tantos outros que lhe seguem as pisadas. Porém, é preciso olhá-lo com moderação e não com facciosismo. O proprio Freud reconheceu a necessidade de se emendar a si proprio.

—Qual o caminho a seguir, quanto ao romance?

—Em minha fraca opinião, o mais simples: a humanidade. O romance actual é sombrio, quasi negro. Sobre-tudo, pouco humano e muito esporadico nos problemas que foca.

«Os novos de hoje, estão a escrever como velhos, sem claridade, sem ansiedade, quasi sem elevação. Acaba-se de ler um dos seus livros e fica-se acabrunhado, sem vontade para lutar. E' uma onda doentia a que é preciso pôr termo, sob pena de a literatura chegar a ser abominada. E' mister que o romance perca o seu aspecto de fantasma. Para tanto, bastará buscar nobres finalidades despidas de orpes aberrações, e enchê-las de sol, de vigor e de audaciosos vóos que tendam a melhorar a Vida e a libertar os humanos dos vis preconceitos a que os amarram. Por outro lado, ha livros que não são mais do que infantis historietas. Para que serve isso? Ou a literatura mantem a sua missão de rasgar horizontes, ou passará a constituir uma evidente nulidade. No campo social, ha ainda muito que desbravar, e principalmente no que diz respeito ás almas que nele se digladiam.

—Quanto á Poesia?

—Ai, sim. Temos poetas e já muito apreciáveis na ala dos modernos. Não ha duvida que a poesia está no temperamento português. A cada momento e sem grande custo, nós encontramos livros de versos de autores ignorados, que são autenticas revelações poeticas, cheias de ritmo e de musicalidade. Sinal de que ainda se não esqueceu, de todo, o que seja a verdadeira Poesia — o caminho que conduz á musica das palavras e do pensamento. E isto é importantissimo, numa época em que vai sendo moda fazer versos (?) sem ritmo, que só se distinguem da prosa pelo aspecto grafico e por valerem muitissimo menos...

—Materialismo ou espiritualismo?

—Ha de tudo. Atravessamos uma angustiosa fase de crise intelectual, e assim, nesse ponto basilar, as indecisões (que ha quem confunda com convicções) surgem a cada passo. Depois, não sei porquê, é feio ser-se materialista, como se o materialismo (erros de apreensão) fosse uma teoria imoral ou implicasse a negação da Arte. São confusões que a mestra ignorancia produz.

«E aqui tem o que me ocorre dizer-lhe, sem animosidades para ninguém.

caprina. O meu parquinho roubou o jumento? Ou, antes, encontrou-o? Em meu juizo encontrou-o. Estes senhores — e apontava para os encapuchados — são pessoas sérias, dos quarenta maiores da freguesia, e abonam a boa reputação do Balatroco. Esse quem é? Repare o senhor juiz que nem testemunhas apresenta. A gentinha que aí se vê é familia.

O moço que estava de soldado no povo ia para abrir a boca e protestar que não, que não era da familia, mas o senhor juiz ergueu o dedo á altura do nariz e ele embuchou. Estregando, depois as mãos, como era seu costume de meio cavador, meio fidalgo, pronunciou o magistral:

—Tem razão, P.º Manuel, o Balatroco encontrou o burro perdido. Salta aos olhos depois que se ouçam as razões dos dois. Entendo que o caso está bem esclarecido e proponho, em consequencia que o Saramago pague ao Balatroco os cinco alqueires de centelo; lá quanto ao serrobeco, parece-me exorbitancia de parte do Balatroco, se bem que tenha saído da rixa com a roupa mais ou menos esfandegada. Estão os senhores de acôrdo e fica o negocio arrumado?...

—Arrumado quê? — guinchou furioso o Saramago. — Nem a terra me comia se desse um grão de centelo ao larapio do meu burro. Dava-lhe mas era pó de matar ratos. Mas que juiz é este que assim bota uma sentença? Bem me dizem a mim que o mundo está perdido e a justiça corta sempre a favor de quem pode. Não, não pago nada e vou-me queixar do juiz de paz que anda feito com os ladrões!

La a sair de rompante, mas o senhor juiz de paz segurou-o pela aba do paletó. Com a outra mão abriu a porta que dava para as traseiras da casa e, indicando a escada, rosnou:

—Por aqui.

Padre e juiz entreolharam-se; um deles fez um gesto e a chusma das capuchas e o Balatroco foram no encalço do homem. Pela outra porta saíram a bater o dente de medo, empurrados pelo juiz, a mulher e os rapazes.

Ouviu-se gritar em baixo, num grito sufocado:

—Aqui d'el-rei que me matam! Aqui d'el-rei...

AQUILINO RIBEIRO

O burro e o senhor seu dono

afigurou, para comprar o animal; salta para raba dele, começa a fazê-lo manobrar e reparo que no jogo das mãos, tanto a troço como a galepe, era dito e escarrado o meu. Tira-se a prova... Chego-me a ele e chamo: Talassa! Talassa! E logo ele despediu, a zurrar, direito a mim com tanta decisão que o cigano não foi homem que o segurasse. Era, está o senhor a ver, o meu burro distarçado, pintado, tosquiado, de crinas aparadas e rabo aparado, com cinco semanas de lazeira de tal ordem que não atinel a tirar o animal pela pinta e, se não é o nome, andar bem ensinado, e ser esperto, olé, esperto, que burro só o é no nome, lá ficava sem ele. Que chamei ao meliante larapio com as letras todas, não nego. Por larapio esteve preso na cadeia de Sernancelhe, escusa de estar para aí a arroter honradez. Bata na testa a ver se se lembra. Não é uma pessoa nem duas a apontá-lo como saltador dos caminhos. Que lhe rasgarei o fato... Andava com a vestia ao ombro, em mangas de camisa, como podia isso ser? Demais a mais apenas lhe toquei quando o vi crescer para mim com a rópia toda a pretender á fina força arrancar-me o asno das mãos honradas. E aqui está. Tem este ladrão direito a exigir-me as cinco rasas de centelo como se, roubando-me o burro, continuasse eu a ser o dono para a obrigação de sustentá-lo? Tem direito a exigir-me os três metros de serrobeco, quando nem um pelo lhe caiu da jaqueta? Não sou eu, pelo contrario, que devo ser recompensado do mês e quatro ellas que o jumentinho andou nas mãos ladras como dum aluguer, e aluguer danado, que se fartou de repar fome?... Meta o senhor juiz a mão na consciencia, se a tem, e fale que estou aqui para o ouvir.

Um segundo, não mais que um segundo, quedou o senhor juiz de paz interdito com a apóstrofe do homem. P.º Manuel acudiu diligente e untuoso:

—O senhor juiz é dos homens que nunca faltam á sua consciencia, brutinho de Nosso Senhor. Mas estamos a perder um tempo precioso com uma queesão de lena-

★ PANORAMA INTERNACIONAL ★

A guerra moderna,

Nas edições Berger Lewault acaba de aparecer, com este título, um livro do marechal do exercito polaco W. Sikorsky. O general Sikorsky tem, na politica interna e externa da sua patria, um lugar preponderante. Antigo presidente do Conselho—antigo ministro da Guerra, pode dizer-se que lhe cabe de direito a chefia dos seus compatriotas que, em opposição á orientação oficial dada pelo general Pilsudsky e pelo ministro Beck, seguem a linha da tradição e do reconhecimento como normas de fidelidade ás potencias do Ocidente e ao tratado de paz que consagrou a independencia da Polonia.

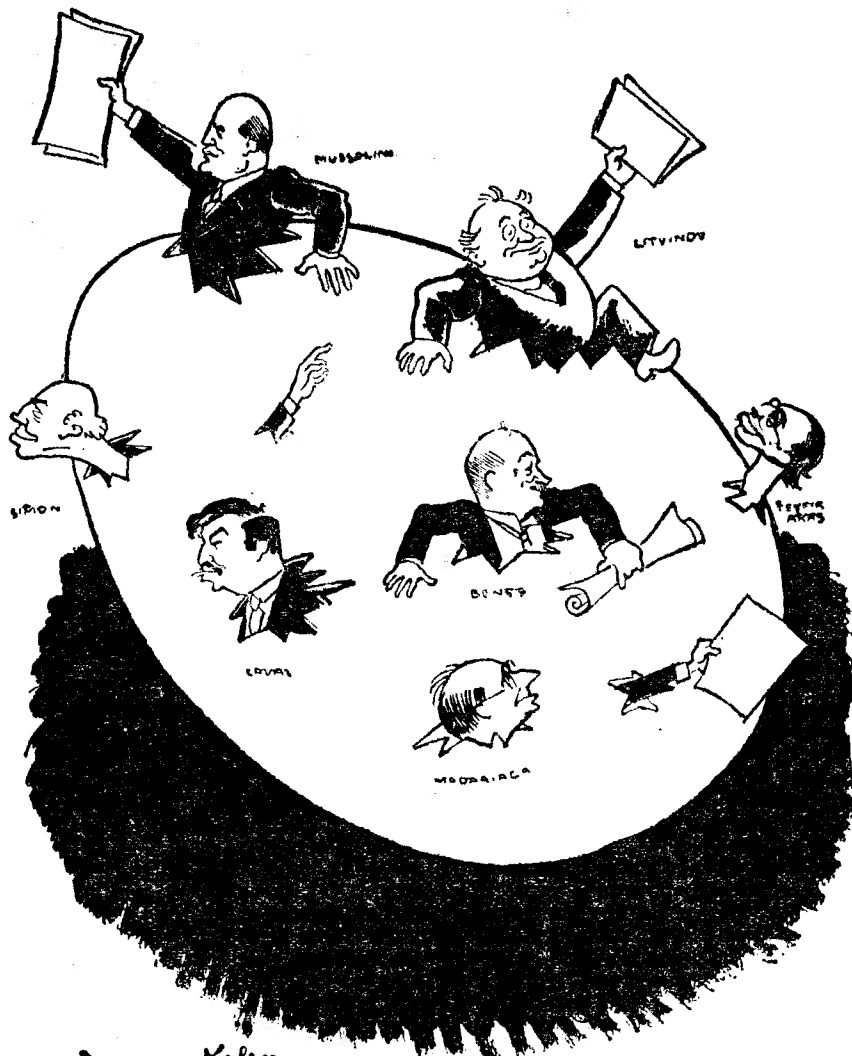
Convidado ha pouco, para assumir as elevadas funções de inspector geral do exercito, não aceitou o convite que lhe foi dirigido, manifestando a sua discordancia com algumas atitudes que não considera rigorosamente legitimas ou convenientes. Trata-se portanto duma personalidade que, além de ocupar no plano militar um lugar de primeira ordem, conhece profundamente os meandros da autoridade internacional neste momento.

A sua fidelidade ao principio da aliança francesa é a grande doutrina orientadora da actividade que está desenvolvendo.

A tese do general Sikorsky pode resumir-se assim: só é possível defender a paz preparando o aparelho belico capaz de defender o mundo do ataque das potencias que preparam ostensivamente a guerra. O tratado de Versaillies procurando criar na Europa e no mundo um espirito novo, obrigou fundamentalmente as potencias que o assinaram, como vencedoras, a manter uma unidade capaz de enfrentar as tentativas de revisão que procurassem efectivar-se por meio da violencia. Esse é de resto o espirito com que foi redigida a disposição daquele instrumento diplomatico que encerra a possibilidade, e até a vantagem duma revisão. A doutrina germanica segundo a qual, enquanto houver um alemão haverá um homem a protestar contra as injustiças do tratado, encontra no general Sikorsky um adversario decidido e eloquente. Porque, observa o militar polaco, enquanto houver um tchecoslovaco, ou um jugoslavo ou um polaco haverá quem defenda e exalte o espirito de justiça que anima o

O OVO DA PASCOA ...

Berchtoed



... E DOS FACTOS

(Da "Tribune des Nations.")

mesmo tratado. O fundo diplomatico da controversia não interessa porém, essencialmente para as conclusões a que pretende chegar o general Sikorsky.

O livro é valorizado por um prefacio admiravel do marechal Pétain. Dele extrairmos as seguintes passagens bem dignas do heroi de Verdun:

«Não convem que nos abandonemos ás illusões pacifistas. Quer elas sejam generosas ou simplesmente cómodas, essas illusões têm sobretudo por efeito favore-

cer a politica de «chantage» das potencias belicosas. Além disso abrem o caminho para um verdadeiro derrotismo moral entre as nações conciliadoras e pacificas.

A paz não é uma obra espontanea da natureza. A paz é um beneficio que reclama obrigações sacrificios e esforços viris. Só a força é capaz de conter e de afastar uma guerra que se tornaria inevitavel em virtude das profundas realidades existentes entre os diversos estados».

Ha poucas semanas morreu von Jogow. Ha poucos dias Ludendorff foi solenemente homenageado pelos seus compatriotas, que se esqueceram dos seus desvarios. Agora Berchtold aparece a conceder entrevistas para os jornais, evocando episodios que constituem já capitulos da historia agitada e sangrenta dos ultimos tempos. Dir-se-ia que, vinte anos volvidos sobre o desencadear da Grande Guerra, volta á superfície toda a multidão agitada que teve uma intervenção directa nos episodios tragicos que precederam a catástrofe. É um espectáculo que tem, ao mesmo tempo, qualquer coisa de pesadello e de grotesco. Guilherme II continuou em Doorn a rachar lenha e a receber as provas de dedicação dos ultimos partidarios do kaiserismo; o Kronprinz vai em viagem até á Madeira; admirou o esforço prodigioso que Liautey desenvolveu no norte de Africa.

Quando Kluk desapareceu, os jornais dedicaram-lhe a duzia e meia de linhas consagradas do seu feito de militar rigido e habilitado. Von Mackensen aparece, por toda a parte, como um dos panegiristas calorosos do rearmamento e da ressurreição do esforço militar germanico.

Pois é verdade. Berchtold falou, e ocupou-se das origens da guerra que, na sua opinião autorizada, deve atribuir-se aos alemães.

Berchtold foi, naqueles dias inolvidaveis de julho de 1914, o homem que mais decididamente contribuiu para que o conflito austro-servio, provocado pelo atentado de Serajevo, se transformasse numa guerra europeia. A pressão diplomatica das potencias fiadoras da paz, a acção constante, por vezes traduzida em supplicas, dos diplomatas e dos politicos não conseguiram afastá-lo, um milimetro sequer, da linha de conduta que havia traçado ao receber a noticia do assassinio do arquiduque Fernando. A trajetória cometida pelo estadista vienense, que tratava um pouco os povos como os seus cavalos de corrida, concluiu inexoravelmente pela carnificina. Está isso nas suas confissões, nos seus documentos, nas intenções que o animaram. Esse capitulo da historia da humanidade é um libelo que se não falsifica.

Berchtold admite, certamente, a possibilidade de ver, em casos semelhantes, a responsabilidade individual desaparecida perante a culpa dos povos de presa. Como certos autores de profecias sinistras que diluem a responsabilidade dos dirigentes actuais na onda irremprimivel das ambições colectivas exteriorizadas pelas nações que preparam a nova carnificina.

O caso de Berchtold aparece, porém, como um caso perfeitamente definido e esclarecido á luz da investigação historica. As culpas desse estadista improvisado que jogou com a tranquillidade do mundo em obediencia aos seus caprichos e ambições.

TRÊS NOVAS TRADUÇÕES



2 da Coleção de Novelas Românticas: «No Redemolinho da Vida» por May Edginton. Primorosa tradução de D. Amalia Gomes Barbosa. 1 vol., brochado com interessante capa a cores, 16\$00.

N.º 2 da Coleção de Romances: «Voo de Águia» por Ethel M. Dell. Tradução impecável de J. C. de Barros. 1 vol., brochado com capas a cores. Esc. 12\$50.

N.º 2 da Coleção Mistério: «Troncos 0077» por J. Jefferson Farjeon. Tradução de Ramiro de Carvalho e L. Pinto Basto. 1 vol., brochado com capa em tricoloria, 10\$00.

Três livros que vão agradar! Três livros que vão aumentar o interesse por estas colecções!

A' venda nas principais livrarias do país, ou directamente de Edições Europa, Rua do Ataíde, 5, Lisboa. Telefone 2 4712.

As Sardinhas de Conserva conservam a saúde, porque são esterilizadas bem preparadas e de fácil digestão. Um apetite!

Recuse as latas sem nome do fabricante.